

Orientação

AGRADECIMENTOS

Sou da opinião que “as melhores e mais belas coisas do mundo não podem ser vistas nem tocadas... mas o coração as sente” (Keller, s/d)¹, desta forma, queria aproveitar este espaço para agradecer às pessoas que foram cruciais nesta etapa da minha vida.

Em primeiro lugar queria agradecer aos meus pais, pois são a razão da minha existência, e foi graças a todos os esforços que sempre fizeram para me conseguirem criar, educar e permitir que eu pudesse estudar e realizar os meus sonhos ao longo da minha vida, desta forma agradeço-vos por tudo o que sempre fizeram por mim, e espero que o término desta etapa me permita recompensar-vos de outras formas, por todo o vosso amor, esforço e dedicação, que até então ainda não me foi possível. Espero que tenham tanto orgulho em mim como eu tenho de vocês.

Aproveito para agradecer ao meu irmão, elemento essencial em toda a minha vida, que sempre foi um exemplo de determinação, companheirismo e apoio condicional, com ele aprendi que devemos querer aprender sempre mais, e que mais importante do que deixar os outros orgulhosos, é essencial sentirmos que fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para concretizar tudo o que nos faz felizes. Obrigado por todo o “colinho” nesta etapa complexa.

Agradeço também ao meu namorado, pela compreensão e paciência, em suportar a minha “ausência”, e pelo carinho e por todo o tempo em que passou ao meu lado, mesmo estando eu a escrever e reescrever, obrigado por todo o teu amor e companheirismo ao longo destes anos.

Como não podia deixar de ser, quero também agradecer a todos os idosos do centro social da paróquia da Areosa, bem como a todos os colaboradores, pela forma calorosa como me acolheram, e por todos os ensinamentos que me transmitiram bem como por terem contribuído para que eu me tornasse uma pessoa melhor e melhor profissional.

¹ <http://quemdisse.com.br/frase/as-melhores-e-mais-belas-coisas-do-mundo-nao-podem-ser-vistas-ou-tocadas-elas-devem-ser/7641/>

Quero agradecer aos docentes da Escola Superior de Educação, em especial à minha orientadora por todos os ensinamentos, acompanhamento, dedicação, tempo disponibilizado, bem como pela força e energia que me transmitiu ao longo deste percurso e que permitiu continuar o mestrado.

Agradeço também às minhas colegas de turma por todo o companheirismo e interajuda ao longo deste processo, em especial à minha amiga Diana que sempre me acompanhou, ajudou, deu força, e aturou as minhas crises de ansiedade, obrigado pela tua amizade e dedicação incondicionais. Agradeço ainda à Jacinta pela sua disponibilidade, ajuda, atenção e ensinamentos que me transmitiu, desde o primeiro momento em que estivemos juntas.

Por fim, mas não por último agradeço à minha tia que foi uma segunda mãe para mim, e que fez tudo o que esteve ao alcance dela, para me ajudar a percorrer este caminho mais facilmente, a ti meu primo Octávio, que foste como um irmão para mim, e que me foste buscar noite após noite sem nunca cobrar nada em troca, obrigado pela tua dedicação e escuta dos meus desabafos, ao longo destes cinco anos.

Agradeço à restante família e amigos que de forma direta ou indireta também contribuíram de alguma maneira nesta minha caminhada.

Um bem-haja a todos e muito obrigado de coração, e que todo o bem que fizeram por mim, vos seja recompensado em dobro.

RESUMO

O presente relatório, que traduz um projeto de educação e intervenção social, vem dar a conhecer todo o trabalho desenvolvido com um grupo de idosos, realizado a partir dos pressupostos da metodologia da investigação-ação participativa, mantidos como horizonte ao longo da trajetória percorrida com o grupo.

Tendo por base processos de educação não-formal, o projeto teve o intuito de proporcionar contextos para o desenvolvimento da autoestima, de redescoberta de capacidades, competências e da autonomia, de um bem-estar consigo próprios e com os outros, o qual se traduz numa melhor qualidade de vida.

O projeto centrou-se no processo de alfabetização de um grupo de idosos, bem como na valorização das suas competências e capacidades. Durante todo o processo os idosos foram coconstrutores do projeto, o qual se iniciou com a análise da realidade, para a qual foi necessário recorrer a algumas técnicas de recolha e análise de informação, que possibilitaram perceber os problemas e necessidades. Estes, uma vez priorizados e equacionados juntamente com os recursos e potencialidades do contexto, serviram de base para uma primeira planificação.

As atividades desenvolvidas no sentido da aproximação aos objetivos projetados, permitiram percorrer um caminho em que algumas mudanças efetivas se foram identificando, como a aquisição de competências na leitura e na escrita e o desenvolvimento de laços de sociabilização mais alargados e regulares.

Palavras-chave: envelhecimento, participação, educação não-formal, alfabetização.

ABSTRACT

This report, which translates a project of education and social intervention, reveals all the work developed with a group of elderly people, based on the presuppositions of the participatory action research methodology, maintained as an horizon throughout the trajectory underwent with the group.

Based on non-formal education processes, the project aimed at providing contexts for the development of self-esteem, the rediscovery of abilities, skills and autonomy, a well-being with oneself and with others, translating into a better quality of life.

The project's focused on the literacy process of a group of elderly people, as well as on the self and hetero recognition of their skills and abilities. Throughout the process, the elders were co-builders of the project, which began with the analysis of reality, for which it was necessary to resort to some information gathering and analysis techniques, which made it possible to perceive the problems and needs. These, once prioritized and equated together with the resources and potentialities of the context, served as the basis for a first planning approach.

The activities carried out towards the projected objectives allowed us to follow a path in which some effective changes were identified, such as the acquisition of skills in reading and writing and the development of broader and more regular socialization ties.

Keywords: aging, participation, non-formal education, literacy.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1- ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO	4
1.1. Envelhecer na sociedade atual	4
1.2. Envelhecimento ativo e envelhecimento bem sucedido	8
1.3. A Educação de adultos em Portugal	11
1.4. A educação e a alfabetização	16
1.5. A educação Social e o educador social	19
1.6. Conceito de Projeto	23
1.7. Projetos em Educação Social	24
1.8. Técnicas de recolha de informação	27
1.9. Avaliação de projetos: Modelo CIPP	28
CAPÍTULO 2 - CONHECIMENTO E ANÁLISE DA REALIDADE	31
2.1. Centro Social da Paróquia da Areosa	31
2.1.1. Instalações	34
2.2. Caracterização dos idosos	36
2.3. Avaliação de contexto	41
2.3.1. Priorização de problemas	45
CAPÍTULO 3- DESENHO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	48
3.1. Avaliação de entrada segundo o modelo CIPP	52
3.2. Desenvolvimento do projeto e avaliação de processo segundo o modelo CIPP	56
3.3. Avaliação de produto segundo o modelo CIPP	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	75
ANEXOS	82
Anexo 1- Excerto do Regulamento Interno do Centro de Dia	83
Anexo 2- Excerto do Regulamento Interno do Centro de Convívio	84

Anexo 3- Plano anual e mensal	85
Anexo 4-Excerto do Regulamento Interno do Serviço de Apoio Domiciliário	87
Anexo 5- Plano de Candidatura Academia Sénior	88
Anexo 6- Declaração de consentimento para uso e publicação da identidade institucional e dados relativos à mesma (CSPA)	89
APÊNDICES	90
Apêndice 1- Poemas sobre o envelhecimento	91
Apêndice 2- Algumas fotografias da atividade o que mudou?	93
Apêndice 3- Fotografia do cenário do teatro das colheitas	94
Apêndice 4- Fotografias do teatro	95
Apêndice 5- Fotografias das atividades de alfabetização	96
Apêndice 6 e 7 – Algumas fotografias da atividade da gincana	98
Apêndice 8 –Fotografias da atividade de pesca ao refrão	99
Apêndice 9 – Guião da atividade da gincana	100
Apêndice 10- Fotografias da entrega de medalhas	103
Apêndice 11 – Excertos do livro	104
Apêndice 12 – Fotografias da atividade de manjericos em papel	107
Apêndice 13 – Caixa para o ofertório	108

INTRODUÇÃO

O presente documento foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Projeto, do 2º ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social - especialização em Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, e pretende dar conta do projeto de intervenção desenvolvido no Centro Social da Paróquia da Areosa.

Esta unidade curricular prevê, neste 2º ano de formação, especial atenção aos seguintes processos inerentes à metodologia de projeto: conhecimento da dinâmica institucional, observação, análise e problematização de toda a realidade institucional, identificação dos problemas, necessidades, potencialidades e recursos; e, por fim, o desenho e o desenvolvimento de um projeto ajustado às reais necessidades da comunidade, sobre o qual deverá existir uma sistemática avaliação.

O Centro Social da Paróquia da Areosa, é uma instituição particular de solidariedade social, e a mesma possui várias respostas sociais, nomeadamente o Centro de Dia, onde foi desenvolvido este projeto, o centro de convívio, apoio domiciliário e cantina social.

Desenvolver o projeto neste contexto, foi uma mais-valia a nível pessoal e profissional, pois vivemos numa sociedade com níveis altos de população idosa, o que se traduz numa emergente prática profissional futura. Portugal é considerado como sendo um dos países mais envelhecidos da Europa. De acordo com o Instituto Português de Estatística, prevê-se que nos próximos 25 anos o número de pessoas idosas poderá duplicar o número de jovens (Sibila, 2011, citado por Pereira, 2015).

Tendo por base os pressupostos acima mencionados, nasce o projeto de intervenção intitulado por " Alfabetização: Um sonho sem idade, tornado realidade" em coautoria com os idosos e equipa técnica deste centro. O mesmo foi desenvolvido entre o período de novembro do ano transato, até a presente data, com os idosos que frequentam o Centro de Dia desta instituição.

Este projeto, apesar do título nos remeter à primeira impressão muito para as questões da alfabetização, teve como finalidade a promoção da valorização pessoal e social dos idosos deste centro, a qual também passou por trabalhar

competências no domínio da alfabetização. Optou-se por adotar este título pois foi uma adaptação de um discurso de um idoso, e se o projeto é destes idosos deve ter a sua marca.

O idoso foi consultado sobre a possibilidade de o título ser de sua autoria e da pertinência, e o mesmo achou por bem, e sentiu-se lisonjeado por as suas palavras serem tidas em conta. Contudo esta decisão foi refletida, na medida em que se tentou compreender se haveria prejuízo para os restantes idosos, mas uma vez que não havia, prosseguiu-se com esta decisão.

Sendo que a educação e o desenvolvimento são realidades indissociáveis, ou seja, a educação é simultaneamente causa e consequência do desenvolvimento, assim como também se pode dizer o desenvolvimento é causa e consequência da educação”, considerou-se que seria pertinente trabalhar as questões da alfabetização, visto ser imprescindível para um bom desenvolvimento (Malassis, (1975) citado por Félix, 2015, p. 23).

Para a realização deste projeto, foi necessária uma atitude investigativa, cooperativa e reflexiva ao longo de todo o trabalho desenvolvido, com o propósito de conhecer corretamente a realidade, os problemas, necessidades e potencialidades, bem como os recursos materiais e humanos disponíveis.

Para uma melhor compreensão do leitor, o relatório esta dividido por capítulos, e os mesmos subdivididos em subcapítulos, para um melhor entendimento global de todo o processo realizado. no primeiro capítulo o enquadramento teórico e metodológico que abrange os temas que se considerou mais pertinentes tendo em conta o local de estágio, os idosos e a instituição, e ainda por outro lado os aspetos da conceção teórico-metodológica de projeto, bem como as técnicas de recolha de informação.

Seguidamente, no segundo capítulo é refletido o conhecimento e análise da realidade, o qual contém as informações pertinentes para a caracterização deste contexto.

Já no terceiro capítulo é abordada toda a conceção de desenho e desenvolvimento do projeto, onde é possível compreender com mais clareza tudo o que foi desenvolvido, e quais as transformações ocorridas, durante e após o desenvolvimento do projeto.

Posteriormente, nas considerações finais, é feita uma reflexão englobante de todo o processo inerente a este projeto, bem como alguns receios e dificuldades sentidas.

Por fim, encontram-se os anexos e apêndices os quais surgem para possibilitar a compreensão de alguns aspetos, completando alguma informação, ou para mostrar algumas das atividades desenvolvidas, ou trabalhos criados pelos idosos.

CAPÍTULO 1- ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

1.1. ENVELHECER NA SOCIEDADE ATUAL

Encarar a velhice como um período de crescimento e evolução nem sempre é fácil, dada a complexidade desta fase da vida, ainda que seja um processo que ocorre de forma contínua, ao longo da vida.

De acordo com Cordeiro (2009), a velhice é caracterizada como sendo uma fase de grandes mudanças, a nível dos diversos planos, nomeadamente o biológico, psicológico, social e também a nível das relações que os idosos estabelecem com a restante população.

Tal como foi possível verificar ao longo da vivência nesta instituição, nesta fase de vida os idosos carregam consigo uma sensação de que o fim de vida está cada vez mais próximo, mas este pensamento, conforme as pessoas e face as suas características pessoais, vai sendo melhor ou pior aceite. Contudo, é frequentemente evidenciada uma insegurança e angústia, que se acentua quando algum idoso que frequentava a instituição falece, reavivando a angústia de proximidade da sua própria morte.

Sendo Portugal um país em que a população idosa corresponde a mais de 20% da população total, segundo os dados de 2015 do Pordata², é fundamental promover uma educação no sentido das sociedades reconhecerem os idosos, como cidadãos detentores de direitos, conhecimentos e valor, contrariando as mentalidades que vêem esta etapa de vida como insignificante e não produtiva, votando os idosos a posições depreciadas e desvalorizadas.

² Estudo disponível em:
[http://www.pordata.pt/Portugal/Popula%3a7%c3%a3o+residente+total+e+por+grandes+grupos+et%3%a1rios+\(percentagem\)-3018](http://www.pordata.pt/Portugal/Popula%3a7%c3%a3o+residente+total+e+por+grandes+grupos+et%3%a1rios+(percentagem)-3018)

Hoffman, Paris & Hall (1994), citados por Fonseca (2004, p.27,), evidenciam que “a visão de que as pessoas idosas são no mínimo incompetentes e talvez até senis, é parcialmente responsável pela tendência da sociedade para discriminá-las, ignorá-las, ou não levá-las a sério” potenciando a perpetuação de alguns mitos, preconceitos e estereótipos, bem como a redução do estatuto social do idoso.

Alguns autores tentam explicar as mudanças do papel do idoso na sociedade atual, onde Silva (2001) nos refere que tal ocorreu devido à dificuldade em estabelecer boas relações com as pessoas mais jovens, pelo desinteresse da família, conduzindo a um isolamento e solidão, e pela redução das capacidades físicas e psicológicas e também pela complexidade das novas tecnologias e a adaptação às mesmas.

Por outro lado, Whitaker (2007) refere-nos que esta mudança pode estar associada à entrada da mulher no mercado de trabalho, à saída dos meios rurais e por sua vez ao crescimento das cidades e, ainda, as alterações na configuração familiar, onde em alguns casos a família alargada passou a dar lugar à conjugalidade moderna, o que despoletou o desaparecimento do território familiar, do qual derivava o poder do idoso.

Face a todas estas condições, a sociedade encara o envelhecimento e ser velho como sendo um processo negativo, como um problema. No entanto, não deverá ser visto assim, deve ser tido como um processo natural do ciclo de vida, pois como afirma Reis (1996), o ciclo vital do homem compreende três fases consecutivas, o crescimento, a maturidade e a velhice, as quais, segundo o processo natural de vida, todos em princípio iremos percorrer.

Com o aumento da esperança média de vida, fruto do desenvolvimento ocorrido ao longo dos tempos, desde o melhoramento da qualidade de vida das pessoas, bem como os avanços da tecnologia, houve a necessidade de criar instituições que assegurassem o acompanhamento dos idosos durante a sua velhice (Pimentel, 2005).

As IPSS (instituições particulares de solidariedade social), surgem como uma forma organizacional privada, que assumiu o desenvolvimento de respostas sociais diversificadas, onde o trabalho desenvolvido por algumas delas é no âmbito da terceira idade, nomeadamente o Centro de Dia, o Centro de Convívio entre outras, as quais tem como principal objetivo a manutenção das pessoas idosas por mais tempo nas suas residências (Marques, 2011) .

A criação destas estruturas remonta ao ano de 1976, momento no qual surgiram pela primeira vez na Constituição Portuguesa. Neste momento são definidas como “Instituições Particulares de Solidariedade Social, adiante designadas apenas por instituições, as pessoas coletivas, sem finalidade lucrativa, constituídas exclusivamente por iniciativa de particulares, com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de justiça e de solidariedade, contribuindo para a efetivação dos direitos sociais dos cidadãos, desde que não sejam administradas pelo Estado ou por outro organismo público”³.

No mesmo documento, é possível ler o artigo 1º-A, o qual nos diz que os serviços prestados por estas instituições são variados, contudo, uma vez que este projeto se desenvolveu num Centro de Dia, considera-se que para este trabalho os mais relevantes são: o apoio às pessoas idosas, proteção social dos cidadãos nas eventualidades da doença, velhice, invalidez e morte, bem como a prevenção, promoção e proteção da saúde, nomeadamente através da prestação de cuidados de medicina preventiva, curativa e de reabilitação e assistência medicamentosa.

Designam-se por Centros de Dia os estabelecimentos destinados à prestação de serviços aos idosos residentes numa comunidade, com vista à sua permanência no seu meio familiar e social. Ou seja, os Centros de Dia são estruturas de apoio social, com serviços que promovem respostas imediatas aos problemas dos idosos, fomentando as suas relações interpessoais, acautelando o isolamento e promovendo atividades socioculturais (Medina, 2013). Esta resposta social é uma mais-valia, na medida em que os idosos têm uma ocupação durante a ausência dos seus familiares e, também, pode ser vista como uma medida preventiva, pois em situações de doença, caso aconteça alguma coisa ao idoso, este não está sozinho.

É também definido como um recurso de apoio familiar, que disponibiliza durante o dia os cuidados necessários ao idoso com o propósito de apoiar nas necessidades básicas, terapêuticas e socioculturais das pessoas idosas que

³ http://www.seg-social.pt/documents/10152/8754028/DL_172_A_2014/62bd4b30-e17d-4a91-8037-867c70c46372

possuem alguma dependência, promovendo assim a autonomia e a permanência em contexto domiciliar (Sancho, 1999, citado por Silva, 2011).

São ainda considerados como um programa que visa complementar o apoio formal especializado e o apoio informal, sendo que o objetivo geral da intervenção assenta no apoio integral e de qualidade aos idosos dependentes, sem necessidade de institucionalização (Arrazola et al, 2003 citado por Silva, 2011)

Assim, os centros de dia têm como propósito trabalhar continuamente a autonomia individual, bem como as potencialidades do indivíduo, dar apoio ao idoso na realização das atividades básicas do seu dia-a-dia, prestar apoio psicossocial e fomentar as relações interpessoais ao nível dos idosos e destes com outros grupos etários, a fim de evitar o isolamento (Pereira, 2012).

Neri (1993, citado por Areosa, Benitez e Wichmann, 2012) afirma que, por vezes, as pessoas idosas não recebem os cuidados adequados da família, encontra-se nas obrigações profissionais e pessoais a justificação desta situação. Contudo existem outras causas, como o abandono familiar, a falta de condições por parte dos familiares, entre outras.

Assim, os familiares recorrerem a estas respostas sociais, ainda que o idoso apresente condições para estar na sua casa, como forma de o salvaguardar, contra eventuais acidentes que possam ocorrer enquanto está sozinho. Outras questões que motivam a institucionalização do idoso prendem-se com a tentativa de minimizar o isolamento e risco de exclusão, pois muitas vezes as suas vidas estão muito subcarregadas e não conseguem ser eles próprios a prestar a devida atenção (Pimentel, 2005).

Mas, segundo Hernandis (2005, citado por Areosa, Benitez e Wichmann, 2012) a família é uma importante fonte de apoio e ajuda, sobretudo para aqueles idosos com alguma dependência. Terceiros, nomeadamente a família, os amigos ou vizinhos, são elementos importantes no cuidado das pessoas idosas. Também o cônjuge assume um papel essencial nestes cuidados, contudo na sua ausência o idoso recorre a ajuda de filhos e ou familiares mais próximos.

Neste contexto, foi possível perceber que a maioria dos idosos que frequentam o centro já não têm cônjuges. Afirmam estar sozinhos durante a noite ou em alternativa pagam a cuidadores para terem a companhia desejada, pois ou não querem ir para casa dos seus filhos e deixar as suas, ou em alguns

casos, foi possível constatar que as relações familiares mais próximas, como filhos, encontram-se fragilizadas pois não se vêem nem se falam durante longos períodos de tempo.

Contudo, é de referir que estas respostas sociais não substituem o papel e a importância da família na vida do idoso, deve ser visto apenas como complementar, como uma ajuda no cuidado dos seus familiares, na medida em que, independentemente da idade do mesmo, a família é uma base social importante e, assim como a infância, a velhice exige cuidados face as suas alterações físicas e psicológicas do seu ambiente familiar (Braciali, 2009).

Deste modo, cabe à família compreender as transformações pelas quais a vida do idoso está a passar, as quais acarretam por vezes fragilidades, anseios e doenças, mas é necessário que a família tenha uma atitude que possibilite ao idoso gozar da sua velhice, junto do seu grupo familiar e social. Cabe a família também proceder à manutenção funcional do idoso, permitindo que este esteja junto da comunidade o maior tempo possível, usufruindo da sua independência (Braciali, 2009). Pois, manter um bom convívio social, especialmente com amigos e vizinhos, bem como, relacionar-se bem com a família e com os cônjuges, ser capaz de estabelecer contatos com as pessoas proporciona uma boa qualidade de vida (Garcia et al., 2005 citados por Areosa et al, (2012).

1.2. ENVELHECIMENTO ATIVO E ENVELHECIMENTO BEM SUCEDIDO

Como referido anteriormente o envelhecimento faz parte do ciclo vital das pessoas, e como tal é necessário que seja erradicada a ideia de que é uma fase de estagnação de desenvolvimento, prevalecendo a necessidade de compreender que é essencial os indivíduos serem percebidos como pessoas ativas.

É nas décadas de 60 e 70 que a velhice é assumida como sendo um problema coletivo, o qual foi ganhando visibilidade social. Assim, com o passar dos anos foram-se reunindo esforços para criar condições de resposta a este problema, deste modo atualmente os diferentes profissionais (campo social, político e saúde) têm tentado criar estratégias em torno do envelhecimento ativo para promover uma melhor qualidade de vida para os idosos (Groisman, 1999, citado por Rocha, 2015).

O termo de envelhecimento ativo surgiu a primeira vez na década de 70, entre profissionais de diferentes contextos, desde o contexto político, social entre outros, os quais tentaram eliminar as imagens estereotipadas de que os idosos são um peso na sociedade, que são pessoas frágeis e inúteis, principalmente nas ideias concebidas pelos mais jovens, tentando assim valorizar as competências e potencialidades dos mesmos, com vista a promover a autonomia e a tomada de decisões (Gonçalves et. al, 2006).

O estilo de vida adotado, bem como os laços afetivos, otimismo, a tolerância ao stress e a autoestima em muito influenciam o envelhecimento saudável, daí que seja importante permitir ao idoso participar, ou seja, tomar as suas próprias decisões, de forma o mais independente possível, pois contribuí para a sua autoestima, bem como para a preservação da sua capacidade mental (Duarte, 2002).

Na perspetiva da WHO (World Health Organization, 2002) o envelhecimento ativo é caracterizado como sendo um desenvolvimento processual no qual se procura promover oportunidades de desenvolvimento a nível do bem-estar social, físico e mental no decorrer de toda a vida, visando o aumento da esperança de vida saudável, e conseqüentemente uma melhor velhice.

Baltes, Staundinger e Lindenberger (1999, citados por Gonçalves et. al., 2006) propõem um modelo de envelhecimento bem-sucedido, o qual compreende o modelo de seleção, otimização e compensação, que são mecanismos de adaptação interativos que procuram compensar os ganhos e minimizar as perdas. O modelo de seleção é referente aos ideais dos objetivos concretizados pelos idosos em prol das circunstâncias do envelhecimento, por sua vez a otimização remete para o quadro das necessidades que pretendemos melhorar/atingir por último temos a compensação a qual engloba os meios e os recursos utilizados para alcançar os objetivos delineados.

Este modelo tem como propósito o alcance de uma melhor qualidade de vida (Fonseca, 2004), principalmente numa sociedade contemporânea com níveis de velhice tão elevados, tal como foi demonstrado no ponto anterior.

É de ressaltar que o envelhecimento ativo e bem-sucedido deve envolver aprendizagens, participação, relações de ajuda e adaptações a novas situações, para o indivíduo considerar esta etapa como positiva, por ser capaz de ultrapassar dificuldades e problemas, não ficando bloqueado, desvalorizando os aspetos menos positivos e dando ênfase aos positivos, construindo assim uma melhor autoestima e autonomia (Duarte, 2002).

Torna-se importante também consciencializar a sociedade para quebrar com os “estereótipos e crenças, ligados a uma concepção reducionista das pessoas idosas como «velhos, pobres e doentes»” (Osório et al, 2007, p.183), e promover e destacar o envelhecimento ativo como uma ferramenta para otimizar o bem-estar mental, social e físico dos idosos, ao longo do seu percurso de vida, para que a vivam de forma mais autónoma e ativa e por sua vez saudável, o que permitirá viver um envelhecimento bem-sucedido.

O processo de envelhecimento segundo Diogo e Duarte (1999) deve ser visto como um caminho percorrido, que permitiu acumular muita sabedoria, através de experiência de vida, e ainda como uma contribuição na construção da história da sociedade, como tal é necessário valorizar e consciencializar os idosos de todo o seu percurso e desenvolvimento humano como um aspeto positivo.

O ciclo vital pode ser caracterizado por várias perspetivas- assim, temos a dimensão biológica que é referente ao desenvolvimento da maturidade física; a psicológica que diz respeito a evolução emotiva, cognitiva entre outras; a funcional que se relaciona com a capacidade de se adaptar as exigências sociais; e por fim, a dimensão social que remete para os papéis sociais, bem como os hábitos e expectativas em relação à participação social (Marchand, 2005).

Assim, de acordo com o mesmo autor ao longo da vida algumas dimensões cognitivas ficam fragilizadas, contudo outras são desenvolvidas, mas apesar de existir declínio intelectual associado ao envelhecimento, este não é irreversível, pois muito dele advém do desuso, por isso pode ser combatido através de atividades de raciocínio e treino educacional, isto porque a inteligência do adulto ao contrário do que se pensava é bastante plástica. Dai que seja

importante que os idosos participem ativamente em diversos contextos, sejam eles culturais, sociais, económicos, políticos etc,

Um fator importante para o envelhecimento bem sucedido, relaciona-se com o ambiente social na medida em que “a solidão, o isolamento social, o analfabetismo e falta de acesso à educação, maus-tratos e exposição a situações de conflito aumentam muito os riscos de deficiências e morte precoce” (WHO, 2002, p.28), daí que seja essencial que existam respostas sociais, “diversificadas, seguras e acessíveis aos mais velhos” (Paúl, 2005, p.284), para que promovam constantemente ações que permitam o desenvolvimento dos idosos nesta etapa de vida bem como o seu envelhecimento ativo e bem sucedido.

Deste modo, foi também tendo por base estes pressupostos que fez sentido trabalhar estas questões neste local de estágio, com o propósito de promover contextos sociais para um envelhecimento bem-sucedido, possibilitando o desenvolvimento e tomada de consciência de competências no seio de relações de sociabilização positivas.

1.3.A EDUCAÇÃO DE ADULTOS EM PORTUGAL

A educação e o desenvolvimento são realidades indissociáveis, tal como nos afirma Caride (2000, citado por Félix, 2015, p.22) a relação entre educação e desenvolvimento pode ser compreendida através destas vertentes: “educação como consequência, efeito ou “benefício” do desenvolvimento; e a educação como fator decisivo para o desenvolvimento”, desta forma é necessário que exista um investimento em ambos.

“A Educação para o Desenvolvimento, constitui um processo educativo constante que favorece as inter-relações sociais, culturais, políticas e económicas entre o Norte e o Sul, e que promove valores e atitudes de solidariedade e justiça que devem caracterizar uma cidadania global e

responsável. Consiste em si mesma, num processo ativo de aprendizagem que pretende sensibilizar e mobilizar a sociedade para as prioridades do desenvolvimento sustentável” (Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, 2008, p.19, citado por, Félix, 2015, p. 35).

Desta forma, pode dizer-se que o processo de desenvolvimento é educação e por isso a uma parte orgânica do processo de desenvolvimento humano. Por sua vez, a nível pessoal a educação desempenha um papel fundamental na formação de valores como a responsabilidade, a justiça, a solidariedade e a equidade.

Neste sentido, este projeto, assentou na perspetiva da educação popular, e associativismo, pois é neste contexto que a educação de adultos se desenvolve designadamente em Centros de Dia, como este em que se desenvolve o projeto.

Esta é uma educação de cariz não formal, a qual está orientada por três grandes eixos de ação, os quais foram essenciais neste projeto. Sendo que o primeiro eixo tem como horizonte a promoção cultural, a qual engloba “o conjunto das atividades tendentes a desenvolver no adulto a criatividade e sensibilidade artísticas e o espírito científico”, cujas aprendizagens se referem a capacidade de aplicar conhecimento de natureza científica e humanística, a compreensão do seu meio social, bem como no acesso e participação no património cultural da humanidade (Lima et al, 1988, citado por Barros, 2011, p.114/115).

O segundo eixo, e de acordo com o mesmo autor, é a promoção cívica, cujas atividades procuram desenvolver o sentido de cidadania no adulto, cujos efeitos educativos correspondem ao “reforço das capacidades de compreensão e de apreciação crítica dos meios sociais em que se integram, e de empenhamento criativo na sua transformação positiva (Lima et al,1988, citado por Barros, 2011, p.115).

Por fim o terceiro eixo, é o de intervenção socioeducativa, apresentada como um conjunto de “iniciativas coerentemente integradas em que se inclui necessariamente uma valência educativa, tendo como objetivo a capacitação de um determinado grupo populacional, para uma participação ativa na resolução de um problema, que o afeta (Lima et al,1988, citado por Barros, 2011, p.115)”.

Assim, desde 1948 que o acesso a educação se constituiu um direito, pois na Carta Internacional dos Direitos Humanos no artigo vinte seis, pode ler-se que

toda a pessoa tem direito à educação, contudo nem todas as pessoas têm a possibilidade de usufruir do mesmo (Barros,2011).

Na sociedade Portuguesa, após o 25 de abril de 1974, verificou-se que um quarto da população era analfabeta, o que despoletou que fosse necessário criar políticas de educação que abrangessem a população adulta, com a instauração da democracia (Barros, 2013).

Em Portugal, entre o final do século XIX e início do século XX começa-se a falar em educação de adultos, estando esta associada à educação popular e ao associativismo, onde se começaram a promover pequenas ações de alfabetização, projetos de animação cultural, atividades de base de educação de adultos, criação de grupos de teatro, entre outros (Barros, 2013).

Com estas iniciativas do associativismo começam a surgir os primeiros projetos de alfabetização, educação popular e a animação sociocultural, as quais não possuíam “um fio condutor pré-determinado e unificador, à margem de uma política pública estatal...” (Lima, 2008, p.38). Com este tipo de iniciativas, começou-se a colmatar algumas falhas existentes a este nível, pois com a praticabilidade de uma educação de adultos foi possível as pessoas adquirirem outras capacidades, tornando-as mais capacitadas e mais realizadas.

Já depois do 25 de abril, com a criação da Direção Geral de Educação Permanente, em outubro de 1975, os movimentos de educação de adultos levados a cabo pelos associativistas, ganham outro impacto, começando a ter um diferente reconhecimento e importância, assumindo uma situação excecional de descentralização de políticas educativas.

Após a educação de adultos ser consagrada na constituição da República Portuguesa, coube ao governo erradicar o analfabetismo, tendo assim implementado a Lei n.º3/79, de 10 de Janeiro, “eliminação do analfabetismo” a par com a criação do plano Nacional de Alfabetização e de Educação de Bases dos Adultos (PNAEBA), coordenado com as políticas de desenvolvimento cultural e de animação sociocultural (Lima, 2008).

Já em 1986, é aprovada a Lei de Bases do Sistema Educativo, e assistimos à entrada de Portugal na então, Comunidade Económica Europeia, onde a educação de adultos desta natureza é relegada para segundo plano, sendo acentuada uma vertente escolarizada de segunda oportunidade na educação de base, associada à alfabetização e à formação profissional, contrariamente às

recomendações emanadas no mesmo ano pela Comissão de Reforma do Sistema Educativo (CRSE), que apontavam no sentido de “insistir numa política pública global, valorizando as diversas áreas e dimensões do conceito de educação de adultos e, designadamente, as vertentes da educação de base, do associativismo e da educação popular, bem como a criação de um Instituto Nacional” (Lima 1988, in Lima 2008, p. 41).

Já nas últimas décadas, a educação de adultos resumiu-se, basicamente, ao ensino recorrente e à formação profissional, descurando questões estruturais, nomeadamente o analfabetismo e a iliteracia. A educação para a cidadania manteve-se afastada das políticas educativas para adultos, que se alimentam, ainda hoje em dia, da referida confusão entre a igualdade de oportunidades sociais e escolares.

Contudo, atualmente a educação de adultos é vista como bem mais do que um direito, felizmente, é a chave do séc. XXI, contudo muitas vezes ainda é muito direcionada para os mais novos, para a qualificação destes para a entrada no mercado de trabalho, e como os idosos já não estão no mercado de trabalho, não se desenvolve tanto.

Porque de acordo com a sociedade em que vivemos e com a competitividade existente, devido à falta de empregos e face as novas exigências da sociedade e da vida profissional, os patronatos levantam expectativas que requerem de todos e de cada um, uma “renovação permanente dos conhecimentos e das suas competências ao longo da vida” (Rothes et. al, 1998, p.21).

Deste modo, tal como nos refere Nóvoa (2002), a educação de adultos caracteriza-se por possibilitar que a formação passe de uma idade específica, para todas as idades e de um lugar concreto para um conjunto de espaços sociais e culturais, portanto, a educação de adultos deve ser uma educação permanente, não pode ter um período de tempo limitado, deve estar em todo o lado e compreender atividades educativas formais e não formais e informais (Finger e Asun, 2003).

Assim, independentemente da idade, todas as pessoas têm a oportunidade de individual ou coletivamente melhorar as suas potencialidades, a educação permanente é um eixo fundamental no desenvolvimento das pessoas, esta permite uma plena participação dos adultos na sociedade, fomenta a democracia, a participação e desenvolvimento a todos os níveis e constitui todo o conjunto de processos de aprendizagem (Rothes et al, 1998).

Contudo é de ressaltar que se a base de educação de adultos assenta na vontade própria em querer aprender mais, cabe ao educador desempenhar uma prática assente na promoção de autonomia e da conscientização dos educandos, pois tal como Freire (1970) afirma, a finalidade educativa é a conscientização dos cidadãos, com o propósito de transformar a realidade social tendo como motor de mudança a capacitação das pessoas. Assim, a educação deve ser vista como um impulsionador que pretende modificar a sociedade visando que esta se torne mais justa e mais igualitária, deste modo, pode-se dizer que a educação pode ser encarada como geradora de mudanças sociais, políticas e económicas.

Mas, nada é perfeito, e como nos diz Freire a educabilidade é difícil e exigente e de forma a motivar o adulto não pode ser sentida como algo que não vale a pena que não é prazeroso, “é necessário existir alegria embutida na aventura de conhecer, de descobrir, sem a qual o ato educativo pode se tornar desmotivador” (Freire,1999, p. 83).

Além desta descoberta, a educação de adultos também deve valorizar muito “a mobilização de saberes pré-adquiridos que em ligação com novas informações permitem a projeção no futuro e, desta forma, alterar ou mesmo originar novos comportamentos” (Rocha, 1996, p. 16), porque os adultos já viveram e já aprenderam muitas coisas e se sentirem que o que aprenderam e o que sabem é valorizado e importante irão se sentir muito mais realizados, mas tudo isto irá depender do trabalho executado pelo educador.

Desta forma, é necessário ter em conta que as experiências que os adultos têm, devemos distingui-los das crianças e dos jovens, e ao ter em consideração essas experiências, “temos em mãos” o recurso mais importante, a valorização das suas próprias experiências, isto é particularmente importante, principalmente com adultos idosos, na medida em que mais anos, significa mais experiência de vida, mais diversidade de experiências, o que significa que ser mais velho pode refletir possuir conhecimentos mais ricos e diversificados.

Mas infelizmente muitas vezes o que conta são as experiências e as vontades do educador, o que acaba por se assemelhar a uma educação bancária, onde o educando é apenas um depósito de informação e o educador o depositário.

A proposta de Freire (1970,) para esta situação é muito pertinente, na medida em que a educação de adultos muitas vezes, de forma errônea, põe os homens como meros espectadores e depósito de conteúdos, e não sendo vistos

como recriadores de conhecimento, valendo apenas a educação bancária, a qual visa silenciar os adultos, e com esse silêncio não é possível promover a autonomia que tanto se anseia com a educação de adultos.

Assim, podemos afirmar que a educação de adultos poderá ser uma mais-valia para todos os adultos, mas dado a sua complexidade é preciso ter muita atenção no papel que se executa, e nas oportunidades que são dadas de verdade aos formandos de se autonomizarem e de se valorizarem, pois, uma má formação poderá trazer mais consequências do que vantagens, e aí iremos ter resultados iatrogénicos.

Considera-se que a educação é um bem essencial e fundamental na vida do sujeito pois esta permite que o adulto se construa e se desenvolva ficando cada vez mais apto para viver e sobreviver na nossa sociedade onde as pessoas com menos qualificações e menos aptidões são constantemente colocados à margem.

Tendo em conta todas as considerações dos diferentes autores, considera-se que foi uma mais valia trabalhar as questões da educação, pois esta possibilita um desenvolvimento contínuo do sujeito, e uma vez que este projeto foi desenvolvido com adultos séniores, confirmou-se que de facto, estes são detentores de muitas competências e saberes e as suas experiências de vida, permitiu-lhes ganhar capacidades para ultrapassar os desafios da vida.

É de referir que não se praticou uma educação bancária, mas sim uma educação libertadora, pois os idosos é que eram detentores dos conhecimentos mais relevantes, o que permitiu que os idosos se sentissem mais valorizados.

1.4. A EDUCAÇÃO E A ALFABETIZAÇÃO

A educação caracteriza-se como sendo um processo humano que tem como objetivo favorecer desenvolvimento e inserção das pessoas na sociedade como sujeitos conscientes, livres, críticos e responsáveis (Caballo et al., 1997).

Contudo, inúmeras são as razões pelas quais a população por vezes não tem a possibilidade de aceder a oportunidades educativas, como por exemplo terem crescido e vivido em meios pouco favoráveis ao desenvolvimento pessoal e inter-relacional, carências económicas entre outras. Contudo não significa isto que não sejam detentoras de muitos conhecimentos. Assim, a educação de adultos, independentemente do local em que se desenvolve - universidades para a terceira idade, centros de formação, ou outras organizações com os mesmos fins é uma mais-valia para melhorar e desenvolver as competências a todos os níveis com especial ênfase para as pessoas que menos oportunidades tiveram ao longo da vida.

Carl Rogers (1973) propõe-nos uma teoria da aprendizagem que assenta em dez princípios, os quais nos dizem que:

“todos os seres humanos têm natural potencialidade para aprender; a aprendizagem significativa ocorre quando o aluno percebe a relevância da matéria de estudo para seus objetivos; a aprendizagem que implica uma mudança de organização do self - na percepção de si mesmo - é ameaçadora e tende a provocar resistências; as aprendizagens ameaçadoras do self são mais facilmente percebidas e assimiladas quando as ameaças externas forem reduzidas ao grau mínimo; se a ameaça ao self for frágil, a experiência pode ser percebida de modo diferenciado, possibilitando ocorrência de aprendizagem; a maior parte da aprendizagem significativa é adquirida na prática; a aprendizagem é facilitada quando o aluno participa responsabilmente no processo; a aprendizagem voluntária que envolve sensibilidade e inteligência é mais duradoura; independência, criatividade e autoconfiança são facilitadas quando a autocrítica e a autoavaliação são básicas, passando a avaliação dos outros a um segundo plano; a aprendizagem socialmente mais útil no mundo moderno é a do processo de aprender, uma abertura contínua à experiência, uma incorporação do processo de mudança” (Rogers 1973, citado por Belém, 2000, p.151/152).

Estes princípios vão ao encontro dos princípios com os quais este projeto foi guiado, pois teve por base as experiências, vivências, crenças e saberes dos idosos, pois só assim faz sentido, visto que se pretendeu seguir a metodologia de investigação ação participativa.

A educação de adultos é uma área muito abrangente e dela faz parte a alfabetização, que também foi trabalhada neste projeto. Segundo Freire, devemos defender a existência de um prisma multidisciplinar de aprendizagens dando relevo a um trabalho em grupo, mais especificamente

grupos de “alfabetização” onde se mostra a importância da reflexão e questionamento crítico, em busca da autonomização e empoderamento do indivíduo (Macedo, et al, 2001).

E, lado a lado, devemos ter a teoria e a prática, ou seja, deverá existir uma relação dialética entre estas duas componentes e a circularidade existente entre elas, permite alcançar uma prática mais reflexiva sobre a realidade, permitindo uma melhor conscientização dos sujeitos (Macedo, et al, 2001).

Através da alfabetização as pessoas ganham capacidades e alcançam domínios que até então não tinha sido possível, permite uma participação mais ativa nos domínios da linguagem escrita, podendo estar mais próximos e conscientes no mundo que os rodeia, permitindo “ampliar a sua margem de intervenção nesse âmbito, através também da apropriação e da utilização dessa linguagem” (Cortês et al, 2004, p.74).

A alfabetização neste projeto foi abordada de acordo com a educação informal, pois pretende-se que esteja liberta de constrangimentos “legais de outras formas de educação” (Lima, 2003, p.146), pretendeu-se que esta permitisse a participação dos atores envolvidos, dando-lhes protagonismo, proporcionando condições favoráveis para que o indivíduo se pudesse desenvolver autonomamente.

Freire aposta numa educação libertadora, que deverá partir da própria realidade do indivíduo e do que é significativo para si, bem como uma prática problematizadora onde “os educandos vão desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo”. Este tipo de prática vem contrariar a educação tradicional, que assenta em pressupostos imobilizadores e redutores face ao indivíduo, que é visto como um depósito, onde “o educador vai enchendo os educandos de falso saber de conteúdos impostos” (Freire, 1972, p.102).

Ao assumir esta postura o educador pressupõe que apenas ele é detentor de conhecimentos e que não irá aprender nada com o educando, contudo na educação libertadora há uma reciprocidade de aprendizagens sendo que, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, existindo uma relação diagonal, onde não há relações de poder (Freire 1996, p.10).

Assim sendo, a educação é “comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que

buscam a significação de significados”, aqui todos têm “voz” e oportunidade de exprimir as suas ideias e os seus conhecimentos (Freire, 1977, p. 69).

Foi através deste ideal que Freire propôs a alfabetização de grupos de pessoas, explorando quais as palavras significativas para o grupo e a partir daí ensinando a ler e a escrever. Neste projeto seguiu-se o mesmo método, pois considerou-se que através do mesmo, os idosos se sentiriam implicados bem como aprenderiam conteúdos que lhe são próximos, estimulando a vontade de aprender.

Para ter bons resultados é importante escutar com atenção os intervenientes dar-lhes espaço para se exprimirem e estabelecer bons diálogos, Freire refere que a “importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental” (Freire 1996, p.44/45).

O escutar caracteriza-se por ser a disponibilidade permanente por parte do indivíduo que escuta “para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro”, independentemente de concordar com a sua ideia ou não, deve existir espaço para as diferentes ideias, pois deve-se ter sempre a “capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar” (Freire 1996, p.45).

Assim, cabe ao educador assumir uma postura radical com vista a emancipação, ação, reflexão do indivíduo, sobre a emergência de alcançar novos conhecimentos (Macedo et al, 2001).

1.5.A EDUCAÇÃO SOCIAL E O EDUCADOR SOCIAL

Com a industrialização e os problemas sociais que dela decorreram, o Estado precisou de novas formas de intervenção, as quais fossem assentes em políticas socioeducativas que proporcionassem as condições necessárias para que potenciasses o desenvolvimento das pessoas.

Com esta preocupação, surge a educação social como área de intervenção, com o propósito de compreender e combater esses problemas sociais,

nomeadamente as desigualdades sociais, as quais são constantemente mais complexas, e por sua vez, exigem respostas e resoluções cada vez mais inovadoras (Azevedo & Correia, 2013).

Um dos exemplos de problema social, que é preciso combater, e que foi referido no capítulo de envelhecimento ativo e envelhecimento bem-sucedido, é a visão redutora e estereotipada face aos idosos, e as suas capacidades. Assim, é necessário desmistificar as características pejorativas da velhice, deste modo, cabe a educação social bem como o educador social, assumirem o papel de “educar a sociedade”, para radicar este problema social.

Portanto, a educação social surge como uma nova ferramenta, que vem contrariar o assistencialismo que já se tornava redutor nas necessidades de intervenção social (Azevedo & Correia, 2013).

É de ressaltar que a educação social assenta em várias perspetivas disciplinares e de projetos de intervenção, e “estabelece a relação entre o saber próprio do universo da pedagogia e a experiência da ação no terreno do trabalho social” (Carvalho & Baptista, 2004, p.7).

Podemos assim afirmar que “a pedagogia social constitui a ciência matriz da educação social (Caride, 2002, citado por Carvalho & Baptista, 2004, p. 59) onde, a educação social é a prática e a ação/intervenção e a pedagogia social é a área de reflexão que conceptualiza e ainda investiga sobre a educação social (Azevedo & Correia,2013).

Assim, a educação social, potencia o desenvolvimento pessoal e social, continuo das pessoas, pois tal como abordado no tema anterior (a educação e a alfabetização), a educação e desenvolvimento são indissociáveis. Esta prima pela sua especificidade, na medida em que permite que cada sujeito seja agente ativo na resolução dos seus problemas, possibilitando “um processo de promoção da autonomia e da responsabilidade a ser potenciado ao longo da vida”, permitindo assim a emancipação pessoal e social através do questionamento, reflexão e responsabilização e transformação da realidade social (Carvalho & Baptista,2004, p.51).

A educação social permite um trabalho de prevenção e ao mesmo tempo, quando se verifica a existência de problemas e necessidades, possibilita trabalhar em conjunto com os sujeitos, para que sejam ultrapassados e resolvidos (Carvalho & Batista, 2004).

Os contextos de intervenção da educação social são diversos, pois é uma área de intervenção que liga o trabalho social e a educação, seja esta formal ou não formal (Carvalho & Baptista, 2004).

Educar em educação social, incide sobre o saber, o saber fazer, saber ser e deve preparar para o saber viver com... (Delors, 1996), assim, o saber diz respeito à bagagem de conhecimentos científicos, metodológicos, instrumentais e legais que o educador social possui, o saber ser está relacionado com as atitudes e estilos de comportamento que se projetam na convivência; e o saber estar são as competências sociais e capacidades de interação, colaboração, entre outras, com outras pessoas e instituições (Caride 2002, p.101).

Assim, vocacionando mais a atenção para o contexto deste projeto, cabe ao educador social proceder a uma intervenção direcionada para “facilitar que as pessoas idosas aprendam a pensar e delinear, de maneira pessoal, a sua própria qualidade de vida” (Romans, Petrus & Trilla, 2003, p.93), contrariando os estereótipos negativos dos quais, muitas vezes os idosos são alvo, como expressões de que o idoso é um ser inútil, incapaz e dependente de tudo e de todos.

Deste modo, é tarefa do educador social apoiar os idosos para que compreendam esta etapa da vida, como uma fase de desenvolvimento de potencialidades, onde ainda podem ser feitas muitas conquistas, e vivendo um bom envelhecimento ativo, e pondo de lado a ideia que esta é uma fase de estagnação (Osório, 2003), pois tal como referido anteriormente esta etapa ainda pode ser muito rica e pode desencadear o desenvolvimento de muitas competências no idoso. Ao longo deste projeto existiu a preocupação de consciencializar os idosos que ainda é possível aprender nestas idades, bem como viver de forma mais agradável, feliz e realizada, ou seja, praticar um envelhecimento ativo e bem sucedido, através do desenvolvimento de processos educativos.

Durante este processo, existem alguns cuidados a ter por parte do educador social, nomeadamente “sugerir e não impor, escutar, mais do que diagnosticar, acompanhar e não conduzir e reconhecer, mais do que intervir” (Canastra & Malheiro, 2008, p.74), pois o educador social “assume na relação o duplo estatuto de alguém que está diretamente implicado e, ao mesmo tempo, impedido de tomar partido ou de dar a solução. Cabe-lhe, sobretudo, escutar e

estar atento, criando situações de encontro e de proximidade favoráveis à emergência de respostas pessoais por parte dos educandos, os verdadeiros protagonistas da ação” (Carvalho & Baptista, 2004, p.93).

O mesmo acontece nos processos de alfabetização de adultos, pois é preciso estar atento a emergência dos conteúdos que são significativos para o adulto, deve-se dar oportunidade deste se exprimir, para que seja possível perceber o que realmente faz sentido ou não para eles, deve-se apenas encaminhar o adulto para ser ele próprio a investigar e aprender novos conteúdos, deixando a sua curiosidade fluir e ele trilhar o seu próprio caminho de desenvolvimento.

Se “a vida em sociedade é o espaço da educação social”, e esta por sua vez facilita a interação entre as pessoas, (Ortega, 1999 p.16), cabe ao educador social trabalhar com os sujeitos os inibidores que fragilizam a integração social destes, para alcançar uma melhoria significativa do bem-estar pessoal e coletivo, e a sua legítima aspiração a uma maior qualidade de vida (Caballo et al., 1997).

O educador social deve ser então agente de mudança sendo que a mediação não serve para a resolução de conflitos, mas sim para acompanhar e suportar o processo educativo do sujeito. Esta permite “propiciar um encontro, de estabelecer um laço ou vínculo entre duas partes que, mais do que mostrar-se antagónicas ou em conflito, se desconhecem, ou pelo menos estão suficientemente distantes para não poder estabelecer a dita relação sozinhas” (García, 2003, p.146).

É através da reflexão que o educador social ativa nas pessoas, que as faz pensar na situação em que estão no momento, o que gostariam de mudar para melhorar as suas vidas e posteriormente trabalham em conjunto para conseguirem essa transformação. Assim, o trabalho com esta faixa etária, adultos séniores, tal como nos refere Mínguez (2004, p.129) “será mergulhar até as profundezas do tempo em que este viveu e interpretar a semiótica que moldou o seu futuro para que a partir desse momento ajude a redefinir novos projetos de vida”.

Para compreender e conseguir chegar até estas informações o educador tem de possuir uma forte capacidade reflexiva, crítica e uma boa escuta ativa, mostrando sempre uma atitude flexível e dinâmica (Carvalho & Baptista, 2004), estabelecendo uma relação assente na empatia, confiança, negociação e

de diálogo, potenciando um bom relacionamento interpessoal (Veiga & Correia, 2009).

Cabe ao educador de adultos conhecer bem o adulto, respeitar a individualidade deste, estabelecer uma relação em que não exista hierarquia, entre o educador e o educando, onde seja possível desenvolver as capacidades e potencialidades, valorizar o percurso de vida destes, pois só assim o adulto se sentirá num ambiente seguro, de compreensão, e favorável ao seu desenvolvimento, pois “os educadores de adultos devem fazer acreditar ao adulto que ele pode aprender. Eles devem imbuí-lo de autoconfiança” (Norbeck 1997, p. 208).

Deste modo para que sejam atingidos os objetivos é necessário o educador orientar, conduzir, fazer parte do processo, assumir uma postura criativa, dinâmica, reflexiva, esperançosa, empática e de incentivo para que as pessoas continuem o desenvolvimento das suas competências ao longo da vida e que não fiquem estagnadas, onde ambos os sujeitos vão aprendendo e estabelecendo uma relação dialógica (Norbeck, 1997).

Uma vez que, se explorou as características que o educador social deverá manter ao longo do desenvolvimento de um projeto, bem como a importância de consciencializar os idosos para as suas competências, bem como promover o desenvolvimento contínuo, considera-se pertinente esclarecer o que se entende por projeto bem como, especificamente projetos em educação social.

1.6. CONCEITO DE PROJETO

Nos projetos sociais é imprescindível que o investigador conheça o contexto de intervenção, bem como todos os atores sociais envolvidos, devendo apoiar-se nos pressupostos da investigação ação participativa, pois esta possibilita que todos os atores sociais envolvidos, sejam parte fundamental na construção de vida, designadamente do contexto e também interventores na tomada de

decisões em o projeto, para a mudança ou seja, para identificar quais os sentidos de mudança que pretendem.

Tal como a investigação ação descrita por Coutinho (2005), a investigação ação participativa tem de conter uma intenção de mudança, operando ativamente na transformação da realidade, para alcançar essa mudança devemos ter em conta as características que tornam estas duas metodologias semelhantes de acordo com a explicação desta autora, e bem distintas das restantes, pois é participativa e colaborativa, prática e interventiva, cíclica, crítica, e auto avaliativa (Cortesão et al, 1998, citado por Coutinho, 2009)

Serrano (1993) define projeto como sendo “um avanço antecipado das ações a realizar para conseguir determinados objetivos. Deve apresentar uma unidade própria na medida em que tenta atingir determinados objetivos cujo alcance efetivo requer uma estrutura interna que lhe permita alcançar o fim proposto” (Serrano,1993, p.20).

Ander-Egg partilha a mesma opinião referindo que “a elaboração de um projeto consiste essencialmente em organizar um conjunto de ações e atividades a realizar, que implicam o uso e aplicação de recursos humanos, financeiros e técnicos, numa determinada área ou sector, com o fim de alcançar certas metas ou objetivos” (Ander-Egg 1989, citado por Serrano 2008, p.19).

Assim sendo, podemos dizer que, um projeto assenta num combinado de pressupostos onde se procura alcançar uma transformação, sendo que é desenhado previamente, tendo como finalidade alcançar os objetivos definidos, ou seja, é um plano de trabalho que pretende prever, orientar e preparar o percurso a desenvolver.

1.7.PROJETOS EM EDUCAÇÃO SOCIAL

Só é possível existir projetos de âmbito de Educação Social, se houver o envolvimento de todos os participantes, a população envolvida é

imprescindível, bem como a sua participação, para que existam mudanças significativas, assentes em sentido de pertença, e as mudanças irem ao encontro do que realmente os sujeitos pretendem transformar, de forma a colmatar as necessidades e problemas delimitados, de forma co-construída.

Assim, os projetos em Educação Social regem-se pelo princípio que só estamos em projeto se todos os intervenientes estiverem implicados bem como sejam co-construtores do projeto, ou seja, promovendo uma participação ativa na construção do mesmo, havendo espaços que possibilitem que partilhem as suas opiniões e sugestões, possibilitando uma maior proximidade, responsabilidade, autonomia e o sentimento de pertença do projeto, como sendo uma obra sua.

O principal e maior objetivo da elaboração de um projeto em Educação Social, é que este proporcione aprendizagens, mudança e transformação e que se torne o mais visível possível, mas, e fundamentalmente, que vá em direção ao sonho dos implicados. Esta utopia do sonho recai sobre o não existente, pois quando estamos a desenhar um projeto, este ainda não existe, mas existe sim um caminho e um percurso até ele, percorrido em conjunto (Mendonça, 2002).

Assim, ao longo do estágio, os idosos que frequentam esta instituição, bem como os colaboradores, foram constituídos como os produtores de conhecimento, no sentido de favorecer o seu desenvolvimento e inclusão na construção do projeto. Deste modo, estas pessoas foram atribuindo significados interessantes aos seus gestos e/ou experiências, mostrando-se competentes e racionais nas interpretações acerca da realidade que as rodeia. Todos os atores sociais, nomeadamente os idosos, e a equipa técnica, assumiram-se como parceiros, possibilitando uma informação mais aprofundada e diversificada, um maior grau de resultados obtidos, permitindo uma comparação de dados mais alargada e um reforço na confirmação das hipóteses teóricas definidas.

Os processos investigativos podem ser sustentados por diferentes paradigmas, nomeadamente pelo paradigma positivista, interpretativo ou sócio-crítico, os quais constituem a forma de investigarmos e de agirmos, ou seja, correspondem a um conjunto de orientações básicas que direcionam a ação.

Contundo, os projetos em educação social organizam-se partindo dos pressupostos do paradigma sócio-crítico. Esses pressupostos prendem-se com o conhecer e compreender a realidade como praxis, unir teoria e prática, orientar o conhecimento para emancipar e libertar as pessoas.

Assim, este projeto foi orientado pelo paradigma socio-crítico. Este paradigma permitiu conhecer e compreender a realidade como «praxis», visando a participação de todos os envolvidos, unindo conhecimento, ação e valores e orientando o conhecimento com vista à mudança.

Deste modo, procurou-se compreender, descrevendo a realidade e os fatores envolventes que a formam, deformam, mantêm e transformam, criticar, verificando a autenticidade do consenso e as atividades vistas como racionais na educação, e educar, promovendo a capacidade nas pessoas para se envolverem em processos de autoformação através da participação em práticas educativas e na tomada de decisões para que sejam livres e abertas. Isto só foi possível através da investigação-ação participativa, “(...) um processo no qual os investigadores e os actores conjuntamente investigam sistematicamente um dado e põem questões com vista a solucionar um problema imediato e vivido pelos actores e a enriquecer o saber cognitivo, o saber-fazer e o saber-ser, num quadro ético mutuamente aceite” (Alcides, 1988, citado por Guerra, 2002, p.52/53).

A investigação-ação participativa “corresponde a um modo de procurar entender o mundo para nele melhor se viver, para que se possa constituir moradia confortável de tudo quanto nele existe (...) a sua emergência deveu-se, antes de mais, ao desejo de uma forma de viver (...) É uma posição que não procura apenas conhecer o mundo, mas também transformar alguma coisa...” (Lima, 2003, p.306). Assim pode dizer-se, que esta se define como uma metodologia ligada à ação, procurando solucionar os problemas de determinada sociedade, já que se estabelece na elaboração de um espaço participado onde é essencial gerar condições para que todos os envolvidos participem.

Deste modo, procurou-se que desde o início as pessoas participassem no desenho e no desenvolvimento do projeto e que os problemas e necessidades trabalhados surgissem e fossem sentidos por essas como tal, permitindo a criação de uma relação e uma troca de saberes transformativa para ambos, não havendo apenas um aprendiz e um transmissor de saberes, mas sim uma

partilha e aprendizagem em comum. Conforme refere Lima (2003), todos os indivíduos têm a hipótese de produzir conhecimentos úteis para a mudança, quer das suas vidas, quer das suas comunidades.

Além disso, procurou-se que a investigação fosse assente num processo democrático para que as pessoas se pudessem desenvolver e evoluírem em termos individuais e sociais. Para tal, uniu-se a teoria com a prática, a ação com a reflexão, de forma a encontrar soluções para os problemas identificados.

Em suma, tentou-se que o trabalho desenvolvido fosse cooperativo e responsabilizador, que promovesse a conscientização e emancipação das pessoas e que reforçasse ou formasse novas capacidades nas pessoas, isto através da criação de condições de participação, como será possível verificar mais à frente.

1.8. TÉCNICAS DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO

Neste projeto desejou-se construir conhecimento participativo juntamente com os idosos e equipa técnica, e por isso as técnicas de recolha e análise de informação foram as que permitiram a participação e discussão entre todos para construir conhecimento útil.

Assim, para a realização deste projeto recorreu-se as seguintes técnicas de recolha e análise de informação, à análise documental, a observação participante e conversas intencionais.

Estas técnicas de recolha de dados tiveram utilidades e objetivos diferenciados ao longo da análise da realidade institucional, e cada uma delas permitiu reunir informações diferenciadas.

Relativamente à análise documental, pertence todos os documentos inerentes à instituição, nomeadamente os regulamentos internos, mapa de colaboradores, entre outros, foram importantes para ter uma perceção mais aprofundada da instituição. Foi também necessário consultar bibliografia indispensável para compreender melhor a etapa de vida onde se localiza esta

população, nomeadamente a velhice, e também outros elementos imprescindíveis para a elaboração e execução do projeto bem como a elaboração do relatório.

A técnica que esteve mais presente, devido à regularidade com que foi utilizada, foi a observação participante, pois permitiu testemunhar os comportamentos desta população, através do contacto direto no terreno com os idosos e equipa técnica, através da participação nas diversas atividades promovidas pelo centro e nas deste projeto.

Através da observação participante também foi possível verificar as relações institucionais, a dinâmica institucional, o sentimento de pertença desta população, ou seja, como vêm e sentem o centro.

Ao longo deste percurso também estiveram presentes as conversas intencionais, de forma constante, com a educadora social, a animadora sociocultural, ajudantes de ação direta, diretora técnica e com as pessoas que frequentam o Centro de Dia, com o intuito de compreender com mais clareza as dinâmicas institucionais, bem como a perceção dos idosos relativamente aos seus ideais, opiniões e problemas, nomeadamente a problematização de velhice, das condições de vida de cada um e os processos de envelhecimento.

Com estas conversas, foi ainda possível explorar temas e situações que não eram tão visíveis, como por exemplo projetos aos quais a instituição está a concorrer, apoios financeiros, mudanças que estão previstas na instituição, parcerias, envolvimento com o exterior, entre outros assuntos que foram aparecendo de forma espontânea, pelos atores sociais que também se mostraram uma mais-valia na compreensão da realidade.

1.9. AVALIAÇÃO DE PROJETOS: MODELO CIPP

A avaliação de projetos é das etapas mais importantes no desenho e desenvolvimento de um projeto. Na avaliação é importante que exista um aperfeiçoamento, pois mais do que demonstrar, devemos estar

constantemente a aperfeiçoar o trabalho que estamos a desenvolver, para que as metas a que nos propusemos sejam alcançadas (Stufflebeam & Shinkfield, 1995).

Assim sendo, “a avaliação não deve ser um fim em si, mas em um meio de melhorar sistematicamente o processo sociocultural e fazer melhor uso dos recursos disponíveis, materiais e pessoas e para alterar, se necessário, o curso de ação” (Serrano, 1993, p.112).

A avaliação consiste assim, no “processo de identificar, obter e proporcionar informação útil e descritiva acerca do valor e do mérito dos objetivos, da planificação, da realização e do impacto provocado, com a finalidade de servir de guia para a tomada de decisões, solucionar problemas e promover a compreensão dos fenómenos implicados” (Rebollo-Catalán, 1993, p. 39).

Neste sentido, para avaliar o projeto desenvolvido, no âmbito deste estágio, recorre-se aos domínios da avaliação CIPP, que são nomeadamente, a avaliação de contexto, dos «inputs» (aqui designada por entrada), do processo e, por fim, do produto.

Assim sendo tendo por base o modelo CIPP, a avaliação de contexto debruça-se sobre a análise da realidade com o propósito de clarificar o contexto institucional, ou seja, como este caracteriza-se, que atores estão implicados, as suas respetivas necessidades, bem como o diagnóstico dos problemas subjacentes a essas necessidades e o julgar dos objetivos propostos. Aqui é preciso ter em atenção se os objetivos são ou não coerentes com as necessidades recolhidas (Stufflebeam & Shinkfield, 1995).

Por sua vez, ainda de acordo com o mesmo autor, a avaliação de entrada («input»), permite-nos estabelecer quais as estratégias mais adequadas para a elaboração do projeto, delinear quais os recursos humanos e materiais existentes, disponíveis e necessários para a intervenção. Permite-nos, ainda, perceber quais as potencialidades e, de que forma, podemos mobiliza-las, assim como, as fragilidades e entraves presentes, para os quais devemos traçar estratégias, com o objetivo de os ultrapassar, para ser possível a concretização da planificação dos procedimentos a executar.

A avaliação de processo favorece a implementação do projeto, ajuda na execução e no registo do seu desenvolvimento, ou seja, durante esta avaliação é possível identificar as falhas que ocorreram na entrada e no desenvolvimento do projeto, e assim fazer as revisões necessárias e redefinir a intervenção. Aqui

é avaliado a exequibilidade e a eficácia do projeto, contudo, caso verifiquemos que o projeto não vai ser exequível, devemos estabelecer novas estratégias para contornar as dificuldades emergentes presentes, caso existam (Stufflebeam & Shinkfield, 1995).

Mas para esta avaliação ser possível devemos ter em conta alguns aspetos, nomeadamente a delineação de alguns indicadores de avaliação, nomeadamente o número de participantes, a frequência nas atividades, a predominância de discursos positivos e a capacidade de iniciativa.

Por fim, a avaliação do produto, compara os resultados alcançados, com as necessidades, os objetivos e as prioridades enunciadas no contexto e pela sua população, ao longo da avaliação de contexto, entrada e processo. Para que isto aconteça é preciso definir muito bem o valor desses mesmos resultados, mediante os dados analisados com os indivíduos.

Nesta fase é possível avaliar que impacto provocou o projeto, ou seja, se os problemas da comunidade em que se inseria o projeto foi reajustado às suas necessidades, e dessa forma perceber se trouxe mudança para esses atores, quais as alterações sentidas na vivência destes problemas e necessidades, qual a sua viabilidade, continuidade e efetividade, ou seja, perceber se os objetivos foram de facto concretizados (Stufflebeam & Shinkfield, 1995).

CAPÍTULO 2 - CONHECIMENTO E ANÁLISE DA REALIDADE

2.1. CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DA AREOSA

O Centro Social da Paróquia da Areosa, (CSPA) é composto por uma sede, que exerce as suas funções na Paróquia da Areosa, e pela estrutura institucional, ambos localizados na freguesia de Paranhos.

O CSPA é uma IPSS, (instituição particular de solidariedade social), de utilidade pública que foi fundada no dia 19 de maio de 1982, e emergiu pela necessidade de dar resposta às imensas carências em equipamentos sociais existentes na comunidade, “tendo como pilar estrutural o benefício dos mais carentes e necessitados, tanto a nível económico como social” (CSPA, 2007, p. 4).

Como já referido anteriormente, as IPSS, segundo o Instituto de Segurança Social (2015)⁴, são “constituídas por iniciativas particulares, sem fins lucrativos, com o intuito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos, que não sejam administradas pelo Estado ou por um conjunto autárquico”, inserindo-se assim no Terceiro setor de atividade.

A área de intervenção deste centro social, centraliza a sua operação para toda a faixa etária adulta, focando mais o seu trabalho na área do envelhecimento, com o objetivo de combater o isolamento social e garantir cuidados ao nível da alimentação, assistência médica, social e pedagógica (CSPA, 2007, p.5).

Neste momento o CSPA, dispõe de cinco respostas sociais, nomeadamente o Centro de Dia, Centro de Convívio, Casas Comunitárias, Serviço de Apoio

⁴ <http://www.seg-social.pt/registo-de-instituicoes-particulares-de-solidariedade-social>

Domiciliário e Cantina Social. Por sua vez, tem também em funcionamento uma Academia Sénior há cerca de um ano.

Apesar de o projeto se desenvolver em maior intensidade, com os idosos que frequentam o Centro de Dia, considera-se pertinente fazer uma pequena referência aos objetivos das diferentes respostas sociais.

Assim o Centro de Dia tem capacidade para 120 pessoas e apresenta como objetivo a promoção de serviços que visam a manutenção dos idosos, sem saírem do seu meio sociofamiliar, através da satisfação das necessidades básicas, dispendo ao idoso cuidados de natureza física e psicossocial, permitir espaços de convívio/lazer e encontros intergeracionais, interinstitucionais e interpessoais com o propósito de promover a autoestima do idoso (Regulamento Interno do Centro de Dia, ver anexo 1)

Relativamente ao centro de convívio, este tem como capacidade máxima 60 pessoas, e “consiste na prestação de atividades sócio recreativas e culturais”, que visam a prevenção de solidão e isolamento dos idosos, desenvolvendo também atividades de convívio/lazer, bem como promove contactos intergeracionais e interinstitucionais e interpessoais (Regulamento Interno do Centro de Convívio, p.2 consultar anexo 2).

É de ressaltar que as atividades de convívio/lazer disponibilizadas tanto para o Centro de Dia como para o centro de convívio, são transversais, pois ocorrem no mesmo local em simultâneo para os idosos que frequentem o Centro de Dia ou o centro de convívio.

A instituição dispõe de um plano de atividades anual bem como um mensal, os quais poderão ser consultados no anexo 3. As atividades disponíveis ao longo do ano em qualquer momento passam por jogos de tabuleiro, como as damas, xadrez, tem também disponível um bilhar, vários dominós e baralhos de cartas, contudo existem ainda outras atividades que vão sendo de acordo com o plano de atividades.

Este plano anual de atividades, que a instituição possui, vai sendo partilhado mensalmente com os idosos, onde contempla as atividades referentes ao mês em questão, o qual por vezes é adaptado e modificado quando a instituição considera necessário. Este plano mensal é apresentado nas reuniões mensais que decorrem nos primeiros dias do mês e posteriormente é afixado no mural de notícias, sendo apenas os idosos informados do que se irá passar durante o mês, não tendo assim a

oportunidade de participarem na elaboração do mesmo, o que seria fundamental tendo em conta o conceito de participação.

Relativamente às casas comunitárias esta resposta social visa colmatar a pouca ou nenhuma retaguarda familiar, bem como permitir aos idosos com poucas possibilidades económicas, que tenham uma casa para viver, supervisionada constantemente. Assim, a instituição neste momento possui duas casas, denominadas por casa 1 e casa 2, sendo uma delas alugada e a outra comprada. As duas casas permitem o alojamento de 17 idosos, as casas estão equipadas tendo em conta as limitações dos idosos, sendo que são casas com mais que um andar, possuem elevador para os idosos com pouca ou sem mobilidade que lhes permita subir escadas poderem circular livremente pela casa.

Por sua vez, o serviço de apoio domiciliário presta os serviços na cada do idoso, de forma individualizada quando por motivos de doenças, não possam satisfazer as suas necessidades básicas (ver anexo 4).

Quanto à cantina social, esta resposta social tem como objetivo disponibilizar refeições a famílias com dificuldades socioeconómicas. Estas dirigem-se ao Centro de Dia à hora estipulada previamente pela assistente social e pelas cozinheiras, e levantam a comida já confeccionada.

No que concerne à academia sénior, esta resposta social é aberta a toda a comunidade sénior, e tem cerca de um ano de funcionamento, a mesma surgiu por ter sido um dos projetos premiados pelo “Movimento Mais Para Todos, o qual tem como objetivo promover uma cidadania mais ativa dos seniores, fomentando a aprendizagem ao longo da vida” (Plano de Candidatura Academia Sénior- anexo 5). Contudo, frequentar as disciplinas da academia sénior não é gratuito, existem pacotes mais baratos para os idosos que frequentam o Centro de Dia ou de convívio.

O que se foi verificando, é que os idosos aderem pouco às disciplinas propostas por serem pagas, “se é tudo do centro devíamos ter direito a ir sem pagar, assim não vou”, e também por serem desenvolvidas no piso superior, o que condiciona a sua participação devido à dificuldade em subir as escadas “como é que vou lá para cima de cadeira? Alguém tinha de me levar lá” a oferta a nível de disciplinas passa por informática, história e cultura do Porto, inglês, atelier de artes, teatro de revista, e aulas de cavaquinho. É de referir que as

aulas eram dadas em regime de voluntariado, e estas só iniciavam o seu funcionamento atingindo um número mínimo de inscrições.

Assim, apesar de num primeiro momento, se considerar que a academia sénior poderia ser um grande potenciador de desenvolvimento, percebe-se que existem alguns entraves que dificultam o acesso dos idosos a este tipo de ofertas pedagógicas, as quais seriam uma mais valia para a continua manutenção de aquisição de competências.

O CSPA no que concerne a cuidados de enfermagem/médicos não possui uma equipa médica diária a acompanhar os idosos, dispõe apenas de uma médica que se desloca à instituição uma vez por semana, para examinar algum idoso que assim o deseje ou passar alguma receita médica. Em regime de voluntariado tem também uma enfermeira aposentada, que procede a medição da tensão arterial e glicémica, também uma vez por semana, contudo nos restantes dias a medição glicémica fica a responsabilidade de duas funcionárias. Segundo as opiniões dos idosos, a instituição deveria ter um enfermeiro a tempo inteiro “ou pelo menos mais do que uma vez na semana”, isto porque estão dependentes da “boa vontade da enfermeira” e há semanas em que a mesma não tinha disponibilidade em ir à instituição, e ainda porque afirmam que por vezes há idosos doentes e não têm quem os examine. Com a presença na instituição também foi possível verificar que a medicação da grande maioria dos idosos é administrada pelas funcionárias que auxiliam os idosos durante a hora de almoço.

2.1.1. Instalações

As instalações do centro encontram-se num edifício com dois andares, no andar inferior encontra-se a garagem, para as viaturas da instituição, a cozinha, uma sala ampla na qual funciona o Centro de Dia e o centro de convívio, onde decorrem as atividades de lazer, como jogos de cartas/bilhar, visionamento de televisão e a grande maioria das atividades, tem ainda um palco onde habitualmente ocorrem os espetáculos de teatro ou música, possui

também o cantinho de beleza, que funciona como cabeleireiro, o qual funciona consoante a disponibilidade de uma voluntária, que habitualmente vem uma vez por semana.

Ainda no mesmo piso encontram-se duas casas de banho para os idosos, e uma para a equipa técnica, espaços de arrumos, o gabinete da assistente social, que por vezes é dividido com a enfermeira voluntária, e o gabinete da diretora técnica.

Exteriormente existe um parque amplo para as viaturas, jardim, e um pré-fabricado, onde neste momento se encontra a lavandaria e algumas salas livres, onde futuramente se irão desenvolver algumas das atividades agora executadas no salão polivalente. Este espaço foi adquirido recentemente pela instituição, após o antigo jardim infantário ter fechado.

No piso superior funciona a secretaria, o gabinete de psicologia, o ginásio de ginástica passiva, explorado por uma pessoa exterior ao centro, com a qual existe um protocolo para que haja um plano mensal mais em conta para os utentes do centro, a academia sénior, salas de arrumos, duas casas de banho, uma sala polivalente também ela com um palco, uma cozinha e um refeitório, que não estão a ser utilizados de momento.

É transversal a opinião desde a equipa técnica aos idosos, relativamente a existirem várias fragilidades infraestruturais no piso inferior, sobretudo no salão polivalente, nomeadamente a humidade e frio que se fazem sentir, bem como a organização do espaço em si, pois desenvolver várias atividades no mesmo local a mesma hora por vezes prejudica o bem-estar dos idosos, e o desempenho das mesmas. Alguns dos testemunhos recolhidos neste sentido foram que ” esta humidade faz-me tão mal a minha bronquite”, “aqui nem dá para colocar um quadro naquela parede que a humidade estraga tudo”, ”já viu o barulho que está aqui?”.

O número reduzido de casas de banho também é várias vezes referido como um problema, principalmente nas horas de banhos, as quais acabam por estar ocupadas por grandes períodos de tempo, “já viu a fila que está ali para ir a casa de banho? “, “eu acho que dado o número de idosos que aqui estamos devíamos ter mais casas de banho”.

Em conversa com a diretora técnica foi possível perceber que estes aspetos a preocupam e que estão programadas algumas alterações nomeadamente a instalação de um elevador com acesso ao piso superior, o qual apresenta

melhores condições, “aqui existem reformulações que são prioritárias, nomeadamente a situação de existir poucas casas de banho e a instalação do elevador, mas penso que ao instalarmos o elevador de certa maneira o problema das casas de banho também fica resolvido, porque lá em cima também temos casas de banho, mas isto são obras muito caras e ainda estamos a angariar o dinheiro”.

Por sua vez, o facto de não existir o elevador impossibilita que alguns dos idosos que têm mobilidade reduzida, fiquem impedidos, ou que seja de difícil acesso ir até ao piso superior, e participar nas atividades que lá decorrem, nomeadamente as da academia sénior, tal como referido anteriormente, ou até mesmo para serem examinados pela médica,” eu nunca participo em nada do que acontece lá em cima, tenho medo de cair nas escadas”, “eu queria ir lá acima à senhora doutora, a menina ajuda-me a ir?”.

2.2. CARACTERIZAÇÃO DOS IDOSOS

No ponto anterior foi referido que esta instituição possui várias respostas sociais, contudo neste capítulo apenas será feita uma caracterização dos idosos que se encontram a frequentar o Centro de Dia e por sua vez o centro de convívio, os quais partilham o mesmo espaço.

O Centro de Dia tem uma capacidade para 120 idosos e o centro de convívio capacidade para 60 pessoas. Através de conversas com a diretora técnica, foi possível apurar que ambas as respostas sociais estão preenchidas, havendo lista de espera, contudo não se verifica no local este número de idosos, recaindo o número quase para cerca de metade. Quando se tentou saber as razões, foi referido que a instituição tem uma boa abertura e que as pessoas vão quando querem, ou quando se sentem mais debilitadas para estarem sozinhas, sendo que em alguns casos apesar de fazerem parte da resposta de Centro de Dia, se solicitado, poderá ser entregue a refeição em casa, caso o idoso não queira ou não possa vir ao centro.

Os idosos que frequentam o centro de convívio, apresentam uma melhor autonomia e geralmente fazem parte mais do que uma pessoa do mesmo agregado familiar.

Relativamente ao Centro de Dia, existem pessoas que o frequentam há poucos meses e outras que já frequentam há mais de vinte anos. Aqui, as idades dos idosos são bastante avançadas e há uma forte prevalência, mesmo nos idosos com menos idade, de doenças do foro psicológico bem como do físico.

Com o decorrer do contacto direto e participativo no contexto, foi possível apurar que os idosos desta instituição já se encontram em idades muito avançadas, onde a maioria se encontra entre os setenta anos e os noventa e cinco anos. Em conversa com os idosos e com as profissionais foi possível perceber que vários idosos têm pouca ou nenhuma retaguarda familiar, ficando sozinhos em casa por grandes períodos de tempo, estas situações foram possíveis de perceber em discursos tais como “eu para não estar sozinha quando saio daqui do centro, contratei uma senhora para ficar comigo até as dez horas”, “só ao fim de semana é que os meus filhos me vão ver e as vezes levam-me até qualquer lado”.

A par da condição de velhice surgem associados vários problemas de saúde: ósseos, perda de visão, audição e parte dos idosos sofrem ainda de demência e transtornos mentais (como por exemplo Alzheimer, Parkinson Esquizofrenia e Deficiência). Pelo que foi possível apurar, a equipa técnica está ciente destes problemas, um dos exemplos dos discursos é o seguinte “agora as pessoas já chegam aqui ao centro com idades muito avançadas e situações clínicas muito preocupantes, por exemplo aquela idosa sofre de esquizofrenia e é preciso controlarmos bem a medicação, porque ela por vezes torna-se violenta”.

Perante este discurso tentou perceber-se que medidas estavam a ser tomadas, no sentido de minimizar eventuais problemas que daqui possam surgir, e foi referido que a mesma está medicada e é acompanhada pelo médico regularmente, contudo denotou-se que existe também uma preocupação quando a idosa se encontra sozinha em casa, pois já ocorreram situações de chegar com muitos cortes nas mãos à instituição. Mas uma vez que não tem família torna-se difícil agilizar um maior acompanhamento, pois também não existe abertura por parte da idosa em ponderar usufruir de outros

apoios disponíveis nesta instituição, que poderiam ser articulados, como é normal acontecer, quando assim é necessário.

Em ambas as respostas sociais, existe uma diferenciação relativamente ao número de idosos do sexo feminino e do sexo masculino, sendo que existe um maior número de idosas do que de idosos. Quanto às idades encontram-se compreendidas entre os cinquenta anos e os noventa e seis anos, sendo que a idade média destes, ronda os oitenta anos.

No que concerne as doenças predominantes nesta instituição, verifica-se que alguns idosos padecem de doença mental, sendo este “um termo geral usado de modo a abranger várias perturbações que afetam o funcionamento e comportamento emocional, social e intelectual” (Mittler & Cobb, 2005, p.6), assim as perturbações que aqui se verificam, são a esquizofrenia e a doença do tipo alzheimer.

Existe ainda idosos que sofrem de deficiência mental, que “é considerada uma condição deficitária que envolve habilidades intelectuais, comportamento adaptativo conceitual, prático e social, participação comunitária, interações e papéis sociais, condições etiológicas e de saúde, aspetos contextuais, ambientais, culturais e as oportunidades de vida do sujeito” (Carvalho & Maciel, 2003, p.147).

Estes problemas de saúde por vezes potenciam alguns constrangimentos, na medida em que algumas idosas pegam na carteira de outras, assim como casacos entre outras coisas, pensando ser seus, querendo levar embora, o que por vezes gera tensão entre elas.

É de referir que além destes problemas, existem outros, tais como a diabetes, cegues, o ácido úrico, o reumatismo e problemas de coração, que são os mais presentes neste Centro de Dia, sendo partilhado por vários idosos.

Relativamente à mobilidade, os idosos na sua maioria têm dificuldades em se deslocar pelos seus próprios meios, necessitando de bengalas e andarilhos, sendo que cinco idosas se deslocam de cadeira de rodas, daí que seja tão difícil para eles conseguirem aceder ao piso superior para poder participar nas atividades que lá se desenvolvem.

Através da relação de proximidade estabelecida com estes idosos, foi possível perceber as semelhanças entre si relativamente às crenças religiosas e aos seus gostos. No que concerne às crenças religiosas, foi possível perceber que na sua totalidade estes idosos são católicos, o que é coerente com o facto

desta instituição ter um cariz religioso muito visível e a sua criação se relacionar com a paróquia da Nossa Senhora da Areosa.

Durante o percurso nesta instituição foi possível perceber, que durante o “mês de Maria”, (maio), a instituição diariamente proporciona condições para que os idosos rezem o terço em conjunto, e no final de cada mês, é realizada uma missa pelo pároco responsável pela paróquia de Nossa Senhora da Areosa, o qual visita a instituição diariamente, e detém grande devoção destes idosos, assim como respeito.

Quanto aos gostos, na generalidade os idosos gostam muito de jogar as cartas e dominó, as idosas também gostam de trabalhos relacionados com a costura, fazendo muitas mantas e cascóis. É também notório o prazer que têm pelos contos populares, rimas, adivinhas e algumas cantigas típicas da sua geração, prova disso é o facto de muitos idosos demonstrarem vontade em transmitir e deixar como testemunho as suas experiências de vida, os seus concelhos e os seus ensinamentos.

Em conversa, alguns idosos referem que gostariam de escrever o que sabem para ficar para os netos, contudo o facto de não saberem ler e escrever, condiciona-os nesse sentido e, por diversas vezes, desabafam dizendo que se sentem tristes por não terem tido a possibilidade de frequentar a escola.

Relativamente à participação, é bastante perceptível que existem diferentes níveis de participação, a maioria dos idosos não se envolve nas atividades que vão ocorrendo, sendo quase sempre os mesmos idosos a participar. Este facto poderá estar relacionado com a pouca diversidade de atividades e as que existem, não serem adequadas aos interesses e exigências dos idosos.

É de referir que a participação não se caracteriza pela presença física das pessoas na atividade, como se verificou no ponto 1.7. Aqui define-se como a possibilidade de tomar parte, voluntária e responsável, nos processos de decisão em que estamos envolvidos e que pretendemos influenciar, ou para os quais pretendemos contribuir de algum modo. Ou seja, os indivíduos ou grupos têm de intervir na tomada de decisões que os afetam para que, em conjunto, seja possível atingirem os objetivos comuns partilhando os métodos de trabalho (Gento, 1994).

No sentido de se proporcionar atividades mais congruentes com os gostos dos idosos, tentou-se que estes expressassem o que gostariam de fazer, mas também foi um trabalho difícil e pouco participativo, o que se considera que

está relacionado com o facto de não estarem habituados a que se dê espaço para expressarem as suas opiniões bem como, pode estar relacionado com a baixa autoestima e com a desvalorização dos idosos em relação a esta etapa de vida.

É de referir que a autoestima, é a capacidade para enfrentar os desafios da vida e ser digno da felicidade, sendo esta formada a partir da imagem que cada pessoa tem de si mesma – autoimagem - somada ao autoconceito desenvolvido a partir dos estímulos e informações que essa recebe do seu meio social (Branden, 1999).

Ao terem uma boa autoestima, as pessoas apresentam bem-estar psicológico, o que lhes proporciona um estado de felicidade plena, fazendo uma avaliação de si próprios aceitável. Quanto melhor for essa avaliação, mais fácil será para a pessoa ultrapassar as dificuldades.

As pessoas com baixa autoestima tendem a sentirem-se inferiores, incapazes e pessimistas, e entendem que as suas vidas não fazem sentido. Estes idosos foram tendo algumas provações na vida, como insucessos e incompreensões dos que os rodeiam, estes insucessos incorporam as quedas, as doenças, a ausência de retaguarda familiar, a violência doméstica, entre outros, que provocam nos idosos sentimentos de desespero.

Matos (2006, citado por Duclos, 2006) considera, que a ausência de atenção, afeto e valorização, pode desencadear no indivíduo uma baixa autoestima, o que se verifica neste local, pois os idosos, na sua maioria, encontram-se em situações de solidão ou isolamento, vulneráveis a esses parâmetros, cruciais para viverem em harmonia consigo e com os outros. Estes idosos tendem a desvalorizarem-se, não reconhecem as suas qualidades e/ou competências e revelam algum desespero e falta de esperança, sendo verbalizado com expressões como esta” já não sirvo para nada, só para dar trabalho”.

2.3. AVALIAÇÃO DE CONTEXTO

Nos projetos de intervenção social, tal como já referido anteriormente, a avaliação é um processo contínuo, que acompanha todo o desenvolvimento que ocorre desde que se inicia o trabalho no terreno.

Durante o processo de investigação, pretendeu-se reunir as opiniões dos vários intervenientes, através de diálogos com os idosos e com a equipa técnica, contudo é de ressaltar que houve diálogos mais frequentes com algumas pessoas do que com outras, como por exemplo com a educadora social, que foi uma importante ajuda na compreensão de várias questões relativamente ao funcionamento geral da instituição.

Contudo, todas as informações disponibilizadas pelas ajudantes de ação direta, pela diretora técnica, assistente social entre outras, que sempre se mostraram disponíveis, para ajudar construção do conhecimento e foram fundamentais na medida em que, a opinião de cada interveniente é igualmente relevante, pelos conhecimentos alargados que possuem sobre a presente instituição, como por exemplo os conhecimentos que a psicóloga domina acerca das patologias mentais existentes neste centro, permite elucidar e esclarecer de forma a se conseguir compreender melhor determinados comportamentos, de alguns idosos face a outros.

Com os idosos, a relação e os graus de proximidade também são distintos, em parte fruto de um maior contacto com os que aderiam com mais frequência às atividades, e que por sua vez também frequentavam o centro com mais frequência, contudo houve a atenção de tentar compreender a razão pela qual muitas vezes não queriam realizar as atividades, e quando era por razões de mobilidade ou de dificuldade em realizar a atividade, sempre que possível esses entraves foram supridos, e assim também foi possível estabelecer uma boa relação com eles, o que possibilitou recolher e analisar conjuntamente, informações muito pertinentes para o desenvolvimento do projeto.

Desta forma, apresenta-se de seguida o levantamento de problemas, necessidades e potencialidades presentes neste contexto.

Problemas identificados:

Analfabetismo dos idosos: através dos diálogos dos idosos foi possível perceber que alguns dos idosos não sabiam ler nem escrever e demonstram alguma frustração e desilusão em não terem tido essa possibilidade. Alguns dos discursos que denotam estes sentimentos são: “nem assinar o meu nome consigo”, “quando vem alguma carta tenho de pedir sempre a alguém para me ler o que diz”. Este aspeto também condiciona os idosos no seu dia-a-dia, pois até ir as compras se torna difícil por não conseguirem por vezes identificar os preços dos produtos corretos, ou então no coro têm mais dificuldade em decorar as músicas por não conseguirem ler as letras das músicas.

Em conversa com os idosos, com a educadora social e diretora técnica foi possível saber que existiu uma voluntária que iria trabalhar esta temática, mas como posteriormente arranhou emprego deixou de fazer o voluntariado, o que deixou os idosos entristecidos “pensei que a professora nos ia ensinar, mas depois nunca mais apareceu”. Em conversa com a diretora técnica acerca deste assunto, afirmou que de facto é algo que querem já há muito tempo, mas que até então não tem sido possível para a instituição trabalhar esta temática.

Desvalorização dos idosos face a esta etapa de vida: grande parte dos idosos assumem a velhice como uma condição física e psicológica, que os desmotiva para se envolverem e aprenderem/reforçarem saberes, afirmando que agora é a altura de descansar, e que já estão velhos para aprender, tendo assim uma avaliação negativa desta fase da vida e inclusive deles próprios desvalorizando as suas capacidades e assumindo o papel de não serem capazes de tomar algumas decisões simples do dia-a-dia, como por exemplo sugerirem alguma ideia, ou atividade não expressando assim as suas opiniões.

Pouco envolvimento dos idosos nas atividades e dinâmicas da instituição: desde o início do trabalho de terreno que é notório a baixa adesão dos idosos às atividades, sendo que os que aderem são quase sempre os mesmos. Ao questionar a educadora social sobre este aspeto ela refere que os idosos já estão em idades muito avançadas, com problemas de saúde a vários níveis e que atualmente é muito difícil conseguir que eles “participem”, afirmando que

“quando estes idosos vieram para aqui, eles eram muito ativos e fazíamos muitas coisas, mas agora é muito difícil”, sendo que alguns idosos partilham a opinião de que já não têm paciência para essas coisas, ou que nem sempre gostam das atividades que são propostas.

Reorganização da equipa de técnica: com a observação no local foi possível perceber que o número de funcionárias existentes, por vezes torna-se insuficiente, para acompanhar os idosos, sendo necessário uma reorganização das tarefas, por exemplo a educadora social tinha de dinamizar o Centro de Dia, e ao mesmo tempo tinha de dar aulas do atelier de artes, na academia sénior, ficando assim os idosos sem acompanhamento, durante o período em que se desenvolviam as mesmas, este problema remete-nos ainda para outro que é a acumulação de funções por parte das colaboradoras.

Relações fragilizadas entre os idosos: com o decorrer do processo de estágio verificou-se que os idosos interagem sempre com os mesmos idosos, não expandindo as suas relações com os restantes. Tal verifica-se nas conversas que estabelecem, bem como em algumas dinâmicas, como por exemplo nos jogos de mesa, fazendo equipas sempre com os mesmos idosos, e caso algum não esteja presente os restantes já não jogam, esta atitude limita-os, no sentido em que não jogam sem os parceiros habituais.

Desadequação do espaço físico: ao longo do contacto direto na instituição várias vezes, e por diferentes pessoas foi abordado o problema do espaço físico por diversas razões. É caracterizado pelos vários intervenientes como sendo um espaço frio, escuro e húmido e sem condições, o que condiciona a participação das pessoas e prejudica a saúde das mesmas. O facto de ser uma sala ampla e comportar diferentes atividades ao mesmo tempo não agrada à equipa técnica nem aos idosos, pois não existe efetivamente um espaço delineado para cada atividade, o que prejudica o bom funcionamento da instituição no geral, alguns dos discursos expressos são nomeadamente, “vêm ensaiar para aqui, e temos de estar a ouvir mesmo que não queiramos”, “aqui não existe um lugar onde possamos ensaiar as peças de teatro sossegados e sem barulho”

PROBLEMAS	NECESSIDADES
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Analfabetismo dos idosos do Centro de Dia 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Alfabetização de um grupo de idosos.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desvalorização dos idosos face a esta etapa de vida 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Valorização dos saberes e competências dos idosos para que desenvolvam um sentimento positivo de si próprios, fazendo com que se reconheçam e seja reconhecido enquanto pessoas capazes e detentoras de conhecimentos; ▪ Capacitação dos idosos para analisarem, assimilarem e assumirem um processo de mudança com sentido crítico, tornando-os capazes de se aceitarem; <ul style="list-style-type: none"> ▪ Aumento e consciencialização das capacidades dos idosos, tornando-se mais confiantes e autossuficientes;
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pouco envolvimento dos idosos nas atividades e dinâmicas da instituição. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estimulo à proatividade e à capacidade de iniciativa dos idosos; <ul style="list-style-type: none"> ▪ Maior diversidade de atividades; ▪ Melhor ajuste atividades e as dinâmicas da instituição às exigências e interesses dos idosos;
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reorganização da equipa de técnica 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aumento do número de colaboradores; <ul style="list-style-type: none"> ▪ Otimização das competências, capacidades e trabalho da equipa colaborativa
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Relações fragilizadas entre os idosos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabelecimento de laços de sociabilidade mais alargados e regulares; ▪ Promoção de mais atividades de grupo que fomentem as sociabilizações
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desadequação do espaço físico às necessidades dos idosos, bem como da realização de atividades 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reorganizar o espaço físico; ▪ Aproveitar os espaços que se encontram vazios

Tabela 1: Tabela de problemas e necessidades.

2.3.1. Priorização de problemas

Para executar um projeto de intervenção social, é necessário perceber para que problemas devemos orientar os esforços, ou seja, é necessário estabelecer uma priorização.

A priorização requer uma grande capacidade de interrogação e investigação, por parte de todos os intervenientes envolvidos, como tal estabelecer uma priorização é bastante complexo pois os problemas são prioritários ou não, segundo a ótica de quem os examina e dependem, em muito, do «timing» e dos recursos disponíveis.

Neste sentido, ficou deliberado que os problemas que serão trabalhados são: o analfabetismo por parte dos idosos, a desvalorização dos idosos do Centro de Dia em relação a esta etapa de vida e o pouco envolvimento destes nas atividades e dinâmicas da instituição.

Considerou-se que estes são problemas que se cruzam, uma vez que se influenciam em simultâneo, pois o analfabetismo prejudica a valorização pessoal e social dos idosos e por outro lado, por vezes o facto de os idosos não saberem ler e escrever acaba por os afastar das atividades existentes, e realizando atividades mais congruentes com os seus gostos também irá permitir um maior envolvimento, assim trabalhando em conjunto estes três problemas irá fomentar as relações, permitindo atingir uma melhor qualidade de vida, consigo e com os outros, permitindo consolidar as redes de sociabilidade e suporte, potenciando cuidados recíprocos, vivendo melhor com as dificuldades e com o seu ambiente.

Os critérios subjacentes a esta priorização foram a possibilidade de execução, foram a possibilidade de atividades orientadas para a sua superação, bem como com as circunstâncias atuais, não só dos idosos, como também da própria resposta social.

Relativamente ao analfabetismo dos idosos do Centro de Dia, considerou-se que existiram as condições necessárias para trabalhar esta temática, porque aprender é algo que pode e deve fazer-se ao longo da vida, e a educação é um processo que permite à pessoa desenvolver as suas potencialidades e oportunidades. Ao trabalhar a alfabetização constatou-se que já se iram obter alguns progressos face a desvalorização dos idosos face a esta etapa de vida,

mas também será trabalhada com outras atividades, nomeadamente atividades de grupo, que por sua vez irão permitir um maior envolvimento dos idosos nas atividades e dinâmicas da instituição pois existirá um trabalho de exploração de gostos e interesses dos idosos, bem como irá fomentar o estabelecimento de novas amizades, que se considera que também irá colmatar o facto de os idosos não expandirem as suas amizades no centro.

No que diz respeito ao problema relacionado com o número reduzido de ajudantes de ação direta, este é um problema que se enquadra numa dimensão mais macro, na medida em que para a sua resolução, seria necessário a intervenção da direção da instituição ou mesmo do Estado, assim sendo, considera-se que se encontra fora do enquadramento deste projeto para a sua resolução.

Neste sentido, para resolver o problema de poucos recursos humanos da instituição, esta teria que contratar mais colaboradoras, o que não é possível devido aos baixos recursos financeiros e por perante a lei existir o número exigido.

Poderia ainda ser trabalhado a reorganização da equipa, e a otimização do trabalho em equipa bem como rever o trabalho de cada colaborador, contudo face a própria dinâmica e horários dos colaboradores, não se considerou que existissem as condições necessárias para trabalhar este problema.

No que concerne ao problema relacionado com a desadequação do espaço físico, optou-se por não ser trabalhado devido a existir já um projeto de remodelação do espaço, com vista a colmatar esse problema.

Assim, os problemas priorizados foram:

Analfabetismo dos idosos;

Desvalorização dos idosos face a esta etapa de vida;

Pouco envolvimento dos idosos nas atividades e dinâmicas da instituição;

Relações fragilizadas entre os idosos;

Por sua vez os problemas que não foram trabalhados neste projeto, foram os seguintes:

Reorganização da equipa técnica;

Desadequação do espaço físico às necessidades dos idosos, bem como da realização de atividades.

Estabelecida a prioridade, bem como os critérios que orientaram a sua escolha, passamos para o capítulo seguinte, desenho e desenvolvimento do projeto, o qual dá conta de todo o processo desenvolvido para trabalhar os problemas priorizados.

CAPÍTULO 3- DESENHO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Após o desenvolvimento de todo o processo de conhecimento e construção da realidade, do levantamento dos problemas e necessidades, e análise dos mesmos, encontram-se reunidas as condições necessárias para o desenho do projeto.

Através das reflexões feitas com os idosos e com a equipa técnica, a planificação do desenho do projeto intitulado “Alfabetização: um sonho sem idade, tornado realidade”, apresenta como finalidade a promoção da valorização pessoal e social dos idosos do Centro de Dia do Centro Social da Paroquia da Areosa. É de ressaltar que a finalidade de um projeto representa a intenção final de todo o projeto (Cembranos, 1988).

Por sua vez, um projeto além da finalidade é composto pelos objetivos gerais e específicos, que são definidos como sendo “os propósitos que se pretendem alcançar com a execução de uma ação” (Espinoza, 1986, citado por Serrano, 2008, p. 46).

Assim sendo, neste projeto os objetivos gerais e específicos que foram trabalhados são os seguintes:

<u>Objetivo Geral 1</u> – Promover processos de alfabetização dos idosos;	<u>Objetivo Específico 1-</u> Desenvolver competências de reconhecimento de escrita das letras;
	<u>Objetivo Específico 2-</u> Escrever e ler palavras e textos de diferentes níveis de complexidade;

<p><u>Objetivo Geral 2</u> - Promover a tomada de consciência das capacidades e competências pessoais e sociais nos idosos;</p>	<p><u>Objetivo Específico 1</u> - Valorizar os seus saberes e as suas competências numa lógica de autoconhecimento;</p>
	<p><u>Objetivo Específico 2</u> - Reconhecer e aceitar a sua criatividade;</p>
	<p><u>Objetivo Específico 3</u> - Tomar consciência do seu valor pessoal;</p>
	<p><u>Objetivo Específico 4</u>- Partilhar experiências e histórias de vida, valorizando-as;</p>
<p><u>Objetivo Geral 3</u> - Promover uma maior participação e envolvimento nas atividades e dinâmicas do Centro de Dia;</p>	<p><u>Objetivo Específico 1</u> - Valorizar a importância da participação</p>
	<p><u>Objetivo Específico 2</u> - Participar em um maior número de atividades;</p>
	<p><u>Objetivo Específico 3</u> - Tomar decisões sobre as atividades e dinâmicas da instituição;</p>
<p><u>Objetivo Geral 4</u> - Reforçar as relações interpessoais entre idosos;</p>	<p><u>Objetivo Específico 1</u> - Reconhecer a importância das relações interpessoais</p>

	<u>Objetivo Específico 2</u> – Dar-se a conhecer ao grupo;
	<u>Objetivo Específico 3</u> – Cuidar e manter relações sociais significativas;

Tabela 2: Tabela de objetivos gerais e específicos;

Espinoza (1986, citado por Serrano, 2008, p. 45), refere-nos que os objetivos gerais são “aqueles propósitos mais amplos que definem um quadro de referência do projeto” e os objetivos específicos são “mais concretos do que os objetivos gerais e identificam de forma mais precisa aquilo que se pretende alcançar com a execução do projeto” (Serrano, 2008, p. 46).

Assim sendo, ao elaborar os objetivos propostos, pretendeu-se que fossem de fácil interpretação, ou seja, que estivessem escritos de forma clara para evitar interpretações duvidosas, que a sua execução fosse possível e coerente com a metodologia adotada, bem como fosse ao encontro dos recursos disponíveis.

Deste modo, para que os objetivos fossem possíveis de concretizar o projeto desenvolveu-se em três ações: a “Arte de Envelhecer”, a “Alfabetização e Literacia” e a “Construtores de Conhecimento”, com as quais se tentou que fossem ao encontro dos problemas identificados, bem como permitissem atingir a finalidade deste projeto.

Posto isto, na primeira ação trabalhou-se aspetos positivos da velhice e novas formas de a encarar bem e vê-la como mais uma oportunidade para fazer o que ainda não tinha sido possível fazerem.

A segunda ação, está relacionada com a capacidade de os idosos aprenderem a ler e a escrever, bem como trabalhar a capacidade de cada idoso, em compreender e usar a informação escrita de modo a desenvolver seus próprios conhecimentos, e a resolver problemas do quotidiano com mais

facilidade, permitindo assim que se sintam mais seguros, bem como se sintam mais integrados nas atividades e dinâmicas da instituição.

Por fim, na terceira ação, trabalhou-se os saberes e capacidades dos idosos, nomeadamente receitas, músicas, quadras, adivinhas, poemas, entre outros, partilhando-os, e ficando registado num livro, de forma a sentirem-se detentores de conhecimentos importantes e tomarem consciência das suas capacidades e competências.

As diferentes ações são compostas por distintas atividades, e com estas considera-se que se conseguiu trabalhar vários objetivos gerais e específicos em simultâneo, assim sendo não existe uma ação vocacionada para um problema em concreto, da mesma forma não se atribuí nenhuma ação a objetivos de forma isolada, ou seja, as ações trabalharam de forma constante os problemas identificados por todos os intervenientes do projeto, sendo que a mesma atividade trabalhou em simultâneo mais que uma ação.

Considera-se que através das atividades realizadas se criou espaços de partilha, aprendizagens, diálogo, confronto, cooperação, cruciais para a transformação da perceção destes idosos sobre as suas capacidades e competências.

	Ação1:	Ação 2:	Ação 3:
Ações	A Arte de Envelhecer	Alfabetização e literacia	Exploradores de conhecimentos

Tabela 3: Tabela das ações do projeto

3.1. AVALIAÇÃO DE ENTRADA SEGUNDO O MODELO CIPP

A finalidade da avaliação de entrada consiste em identificar e valorizar os métodos aplicados, ou seja, reconhecer os pressupostos do projeto, os problemas, as necessidades bem como os constrangimentos que possam surgir, para ser possível resolver as situações problema existentes.

Nesta avaliação, identifica-se e avalia-se a planificação dos procedimentos assim como, identifica e avalia as estratégias alternativas, de modo geral, permite avaliar a coerência interna do projeto de intervenção, refletindo sobre os objetivos gerais se vão ao encontro da finalidade e se os específicos são congruentes com os gerais, se as estratégias são as melhores e mais eficientes para as ações ou atividades que irão ser desenvolvidas e, por fim, avalia também os recursos existentes, tanto físicos como humanos, para compreender se a realidade tem capacidade para levar a cabo o desenvolvimento do projeto (Stufflebeam et Shinkfield, 1995).

Tendo em atenção as características da avaliação de entrada, considera-se que o desenho do projeto foi congruente, na medida em que, de acordo com a definição dos problemas e necessidades, constatou-se que os objetivos propostos são coerentes com as necessidades e problemas priorizados. Denote-se uma vez mais que os problemas e as necessidades elencadas foram percebidas por todos que fizeram este projeto e a sua priorização teve em conta a exequibilidade, prolongamento no tempo e ainda a importância que detêm para as pessoas, o que assegura a sua coerência com o desenho do projeto.

Assim sendo, a finalidade deste projeto passou pela promoção da valorização pessoal e social dos idosos do Centro de Dia do Centro Social da Paroquia da Areosa, através da criação de momentos, onde os idosos puderam interagir uns com os outros, bem como melhorar as suas capacidades e ainda dá-las a conhecer, e conhecer as capacidades dos outros, com o propósito de se autovalorizarem.

Tornou-se importante trabalhar esta questão na medida em que o ser humano tem a necessidade de se desenvolver e de ser reconhecido pelas suas competências, sendo que estas permitem-lhe elevar a sua autoestima,

possibilitando-lhe a conquista e a obtenção de mais e melhores resultados (Duclos, 2006).

Deste modo, considerou-se necessário modificar a percepção negativa que os idosos tinham e sentiam face a esta etapa de vida, pois sentiam-se inferiores, incapazes e pessimistas, afirmando que as suas vidas estão quase no fim.

Como tal, uma vez que não reconheciam as suas capacidades e competências mantendo uma postural de desvalorização pessoal e não perspetivando um futuro “mais risonho”, considerou-se importante promover a tomada de consciência das capacidades e competências pessoais e sociais dos idosos, bem como potenciar novas aprendizagens como por exemplo no que concerne a alfabetização e literacia.

Com a dinamização do projeto desejou-se que os idosos ganhassem competências ao nível da leitura e da escrita, para que se sentissem mais integrados e aptos a estar em sociedade, bem como começassem a valorizar os seus saberes, assim como as suas competências, deviam conseguir superar as suas dificuldades e serem capazes de desafios e, ainda, estimularem o seu sentido criativo e terem consciência do seu valor pessoal.

Pretendeu-se ainda que os idosos comunicassem e interagissem mais entre si, criando relações mais vinculadas, mais fortes, assentes na confiança e ajuda mútua, pois tal como já referido ao longo deste relatório, as relações são muito importantes no combate ao isolamento e solidão, que estão interligadas com a percepção que têm da sua vida, com o bem-estar e com a capacidade de superar com mais facilidade as dificuldades que possam eventualmente surgir, características da velhice ou não.

Com vista a alcançar estas mudanças o projeto contou com atividades que deram espaço aos idosos para serem os protagonistas, despoletando um sentimento positivo, por perceberem que são detentores de conhecimentos relevantes.

Para realizar as atividades o mais congruente possível com o alcance dos objetivos, foi necessário criar algumas estratégias que nos ajudaram a guiar o desenvolvimento das mesmas, sendo que se considera estratégias “o conjunto de decisões e ações relativas à escolha dos meios e à articulação de recursos com vista a atingir um objetivo” (Thietart, 1984, citado por Nicolau, 2001, p.5).

Assim, as estratégias que se considerou que promovessem a participação, a reflexão e a discussão, foram nomeadamente grupos de discussão, teatros, e

exercícios de dinâmicas de grupo, que procuraram a tomada de decisão de forma democrática. Foram discutidos temas ou assuntos, sobre os quais os idosos demonstraram interesse ou se relacionavam com a problemática da terceira idade. Assim, potenciou-se que todos os idosos tivessem a oportunidade de manifestar a sua opinião.

O projeto procurou potenciar experiências construtoras de autoestima, “relações de partilha e pertença; no estar com o outro, no nós, não contra o outro” (Matos, 2006, citado por Duclos, 2006, p.27), desenvolvendo as capacidades e competências sócio afetivas. Daí que, um dos objetivos gerais, passou por reforçar as relações interpessoais dos idosos do Centro de Dia.

Tendo em conta as atividades delineadas, estas pretenderam que os idosos fossem construtores de uma mudança, alcançando o seu bem-estar, de forma consciente e não apenas como espectadores, é de referir que as atividades decorreram tendo em conta a disponibilidade dos idosos, assim como da instituição, pois não se pretendeu que existissem sobreposições de atividades, para não criar constrangimentos.

Considerou-se existir várias potencialidades que acabaram por ser de facto, uma grande ajuda no desenvolvimento do projeto nomeadamente a disponibilidade para o estabelecimento de diálogos tanto por parte dos idosos e dos colaboradores, bem como a flexibilidade de reorganizar o plano de atividades, caso fosse necessário, à exceção das atividades que são dirigidas por pessoas extrínsecas à instituição, como por exemplo o dia dos ensaios do coro, pois vinha uma professora sempre ao mesmo dia e hora, diversos saberes que foram rentabilizados no desenvolvimento do projeto, nomeadamente o gosto por provérbios, poemas, música tradicional portuguesa, adivinhas, anedotas, ditos populares, entre outros.

Estas potencialidades foram consideradas como sendo cruciais, na medida em que, seriam um bom instrumento para ajudar a alcançar a mudança, pois são um conjunto de fatores benéficos para o desenvolvimento de um maior fortalecimento das relações entre os idosos e outros, para um maior envolvimento dos idosos nas atividades e dinâmicas da instituição e para que estes tomassem consciência das suas capacidades e competências sociais e pessoais.

Contudo, elencou-se existirem alguns constrangimentos que poderiam dificultar o desenvolvimento do projeto, nomeadamente o horário dos

transportes da instituição, a organização do espaço do edifício do Centro de Dia e outras que podiam surgir ao longo do desenvolvimento do projeto.

Ainda assim, uma vez que os constrangimentos foram verificados previamente, em relação ao horário de transporte das pessoas, as atividades foram desenvolvidas durante o período compreendido entre a chegada e a partida dos idosos, as atividades foram planeadas tendo em conta essas mesmas características, relativamente ao espaço, quando este não possibilitou a realização de alguma atividade, uma vez que existe um grande espaço exterior que foi utilizado.

No que concerne a recursos físicos e humanos considerou-se que existiam disponíveis os vários recursos cruciais para o desenvolvimento do projeto, sendo os recursos humanos nomeadamente a educadora social, a animadora sociocultural, a diretora técnica, a assistente social e as trabalhadoras auxiliares, os recursos físicos contempla-se o espaço exterior amplo, material para a realização de trabalhos manuais, jogos, projetor e tela de projeção, entre outros.

Como referido anteriormente a “formulação de objetivos facilita o desenvolvimento de indicadores” que serviram para perceber a “relação de um objetivo operativo e a planificação (Ventosa, 2002, p. 119), ou seja, permitiram perceber na avaliação de processo a relação existente entre o que foi planeado e o que foi alcançado, deste modo os indicadores estabelecidos foram o número de participantes em cada atividade, bem como a frequência dos participantes nas diferentes atividades, a capacidade e iniciativa dos participantes, bem como a predominância de discursos positivos no decorrer do projeto, e por fim a aquisição de novas competências no domínio da escrita e leitura.

Por fim, é de referir que o desenho de projeto foi sendo reajustado principalmente no que concerne a coerência entre os objetivos específicos com os objetivos gerais, bem como por questões de formulação.

3.2. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO E AVALIAÇÃO DE PROCESSO SEGUNDO O MODELO CIPP

Estando fundamentados os problemas, elencados anteriormente, os quais surgiram no decorrer do conhecimento e análise da realidade, e desenvolvido o desenho do projeto de educação e intervenção social, prossegue-se neste momento a descrição do projeto, agregado à avaliação de processo do mesmo.

Esta por sua vez permite melhorar a planificação do projeto, identificando as suas falhas e limitações, de forma a existir transformação.

Segundo Ventosa (2002), esta fase de avaliação do desenvolvimento do projeto deve basear-se em indicadores retirados da observação do mesmo, isto é, em unidades de análise que nos permitem estabelecer uma avaliação fundamentada, para tal, foi necessário analisar os indicadores identificados no decorrer do desenho e desenvolvimento do projeto, sendo eles número de participantes em cada atividade, bem como a frequência dos participantes nas diferentes atividades, a capacidade e iniciativa dos participantes, a predominância de discursos positivos no decorrer do projeto, e por fim a aquisição de novas competências no domínio da escrita e leitura.

Assim, tal como já foi referido, o projeto dividiu-se em três ações, envelhecer com arte, a alfabetização e literacia e a construtores de conhecimento, as quais contemplaram um conjunto de atividades diversificadas, sendo que numa mesma atividade se trabalhou mais do que uma ação.

As atividades no seu conjunto tiveram como intenção mudar a perceção negativa que os idosos têm sobre si nesta etapa de vida, desenvolver algumas capacidades, bem como criar espaços de partilha e reflexão, e ainda desencadear momentos de sociabilização.

Deste modo, recorreu-se a exercícios de dinâmicas de grupo, teatros, conversas intencionais e sessões de escrita e leitura, que permitiram desenvolver o projeto assente numa dimensão educativa e com o propósito de transformação.

Assim sendo, passa-se a explicar mais detalhadamente as atividades e o que se pretendia com as mesmas.

Foi desenvolvida a atividade “o que mudou?”, que consistiu num grupo de discussão, que teve o intuito de desmistificar o papel negativo que a velhice aparenta ter, assim os idosos foram expondo quais as mudanças mais significativas que verificam, sendo que os discursos prenderam-se muito nas dificuldades motoras que até então não sentiam, demonstraram sentimento de inferioridade, face as dificuldades que apresentam nomeadamente dizendo que “agora sou um estorvo” e que “a velhice é muito triste” e neste sentido foi questionado o que consideram que podia ser diferente para se sentirem mais aptos e felizes nesta etapa, mas não sabiam.

Posto isto expôs-se que a velhice deve ser vista apenas como uma parte natural do ciclo vital, e não como um problema e que ainda são capazes de muita coisa, a par disto foram lidos dois poemas, (ver apêndice 1) que retratam a velhice, para discutir as várias opiniões, as quais coincidiram com a mensagem dos poemas os idosos, mas os idosos afirmaram que nem sempre se consegue manter o espirito positivo.

Neste sentido deu-se a segunda parte da atividade onde se pediu a cada idoso que deixasse a sua marca numa tela(mão) e que pensassem numa palavra que demonstrasse o que os faz felizes na velhice, para finalizar foram lidas todas as palavras, nomeadamente amor, amizade, filhos, paz, jovens entre outras que podem ser consultadas no apêndice 2, comentado posteriormente que afinal ainda têm muitas coisas boas para pensar, e que as menos boas não devem ter tanta importância, esta atividade contou com a presença de 20 pessoas, e houve a preocupação de ajudar os idosos com mais dificuldade na escrita.

Ainda a par deste tema foi realizada uma atividade, a “teatralizo-me” que consistiu em realizar um teatro com os idosos, que permitisse refletir que ter uma idade mais avançada, não é impeditivo de ter comportamentos e práticas saudáveis, sendo importante mantermo-nos ativos. Sendo assim, os idosos que quiseram encenar, deram as suas opiniões e em conjunto criaram um guião orientador do teatro, visto que alguns dos idosos presentes não sabiam ler, foi adotada a estratégia de relembrar várias vezes o que queriam retratar e em conjunto ensaiaram.

Estes optaram por retratar alguns comportamentos de idosos mais ativos e dinâmicos e por outro lado outros que são mais sedentários, bem como

comportamentos alimentares corretos e incorretos. No final foi pedido aos idosos que viram a peça que comentassem o que tinham visto, e que dessem a sua opinião.

Inicialmente os idosos estavam um pouco retraídos pois nunca tinham sido eles a escolher e a decidir os diálogos bem pensar e fazer o cenário, “eu não sei como se faz um guião, normalmente dão-me para eu ler”, mas à medida que foram surgindo as ideias, a atividade correu com bastante normalidade, os restantes idosos também foram bastante participativos, quando questionado se concordavam ou não, bem como identificassem com qual das representações se identificavam mais e porquê.

Aqui surgiram alguns comentários relativos à alimentação como por exemplo “eu gosto de tudo bem temperado, não gosto nada de comer sem sal, mas aqui tem de ser”, à noite só como sopa e uma peça de fruta, e chega muito bem se não vou muito cheia para a cama, e outros relativos a atividade física” antes eu até ia dar uma caminhada, mas agora de bengala, já não consigo,” contudo outros discordavam e diziam por exemplo que “eu dou a minha voltinha na mesma, vou mais devagar, mas vou”, e ainda “ quando venho da piscina até parece que me maneio melhor”.

A grande maioria dos idosos prestou atenção a esta atividade, foi visível a boa disposição e por vezes a concordância com o que ia sendo retratado através de acenos da cabeça, e sorrisos largados, contudo nem todos expressaram a sua opinião publicamente.

Assim, considera-se que esta atividade foi positiva para os idosos, tendo por base a interação bastante participativa por parte dos envolvidos, as intervenções pertinentes e constantes que transmitem a motivação e interesse por parte dos mesmos.

Também através dos discursos expostos” gostei muito de fazer o teatro, quando houver outro venho de novo se poder”, bem como pela boa disposição que se instalou, assim considera-se que a atividade cumpriu com o seu propósito que era consciencializar os idosos para práticas saudáveis e para fazerem ou continuarem a fazer o que gostam ainda que tenha de ser feito de outra forma ou mais devagar como referiu um dos participantes.

Dada a boa receptividade dos idosos em relação ao teatro, foi realizado um outro que tinha como tema a época das colheitas, com o objetivo de valorizar o

passado dos idosos, isto porque a grande maioria dos idosos veio de pequenas aldeias, e muitas vezes faziam referência ao trabalho e práticas agrícolas que faziam quando eram mais novos, lamentando que agora ninguém quer trabalhar no campo.

Assim, através das partilhas dos idosos sobre as suas experiências, foi possível reunir a informação necessária para idealizar a peça de teatro, onde todo o protagonismo uma vez mais foi dos idosos, como era um tema muito próximo a eles, possibilitou que rapidamente surgissem as ideias do que gostariam de encenar, bem como a escolha dos adereços para o cenário. Cada idoso decidiu como queria ir vestido, uns mais a rigor, pois principalmente as idosas queriam levar saias idênticas às da época e assim foi, outros optaram por ir apenas com as suas roupas, sugeriram ainda que devia ter no cenário algumas uvas e espigas de milho, e foram feitos os possíveis para que assim fosse. Foram ainda desenhadas algumas espigas e pintadas por os idosos, para colocar no cenário, pois eles consideravam que “tem de se perceber, de que é o teatro”(apêndice 3) .

Surgiu ainda a ideia de cantarem músicas que era costume cantar pelas vindimas e apanha do milho e assim sendo, foi combinado em que momento iriam surgir as músicas, e o facto de incluir as músicas permitiu a participação de mais idosos, os quais gostam de cantar e que não se sentem tão à vontade para representar.

Sendo as músicas conhecidas pela maioria dos idosos, os que estavam a ver a peça acabaram por também cantar juntamente com os restantes idosos, ocorrendo um grande momento de convívio coletivo.

Através dos discursos positivos expressados, considera-se que foi uma atividade rica em trabalhar as potencialidades dos idosos, tanto a nível da recriação como das artes. Os idosos expressaram expressões como “foi tão bom recordar estes tempos”, “foi numa colheita assim, que conheci o meu marido”, “já não me lembrava de rir tanto há muito tempo”, nesta atividade, contou-se com a presença de 15 idosos, entre os que representaram cantaram em coro, contudo como já foi referido vários dos que estavam a ver também ajudaram nas canções e todos estiveram a ver a peça, é possível ver no apêndice 4, momentos desta atividade.

Uma outra atividade, consistiu em alfabetizar um pequeno grupo de idosos, inicialmente com 3 pessoas que posteriormente passou a ser 4. Esta foi a atividade que se prolongou mais no tempo e as sessões decorriam entre uma a duas vezes por semana mediante a disponibilidade dos idosos, pois por vezes tinham consultas e fisioterapia e nem sempre conseguíamos reagendar, contudo foi sendo sempre mais ou menos há mesma hora, e aos mesmos dias para evitar sobreposição de atividades.

Com esta atividade pretendeu-se que os idosos desenvolvessem competências a nível da escrita e da leitura, para que se sentissem mais valorizados pessoalmente, conseqüentemente mais envolvidos e implicados nas atividades do centro, bem como para terem uma posição mais ativa na sociedade.

Com o decorrer das sessões mais uma idosa quis fazer parte do grupo, para colmatar algumas fragilidades a nível da leitura, ao passo que as outras três pessoas não tinham qualquer base escolar.

Como método de trabalho, além da prática escrita e oral das letras e das palavras também foram adotados alguns materiais lúdicos, para o desenvolvimento da mesma, nomeadamente jogos de tabuleiro, puzzles com palavras entre outros, como se pode verificar no apêndice 5.

Cada pessoa é única e assim sendo cada uma tem as suas especificidades e por vezes precisa de ajuda diferente, e nesta atividade como em todo o projeto teve-se em atenção as necessidades de cada um, e nesta atividade em concreto, foi necessário dar apoio mais individualizado a um dos participantes, uma vez que apresentava um atraso cognitivo e por isso mais dificuldade em sistematizar a informação bem como mais dificuldade da motricidade.

A aquisição de competências a este nível, com esta atividade permitiu que os participantes pudessem participar sem condicionantes em outras atividades.

Com o intuito de promover uma melhor sociabilidade entre os idosos, espírito de entreajuda e valorizar os seus gostos e competências foi desenvolvida uma gincana com diversas provas que decorram durante dois dias. Esta gincana foi pensada tendo por base os gostos coletivos, nomeadamente a música, os provérbios, entre outros gostos e competências, os quais os idosos consideram que deviam ser explorados mais vezes.

Os idosos formaram duas equipas à sua livre vontade, tendo como regra apenas que ficassem mais ou menos distribuídos com o mesmo número de elementos.

A primeira prova consistiu em distribuir uma lista com o início de provérbios populares, na medida em que na sua maioria, eram ditos várias vezes, sempre que o assunto de conversa o proporcionava, assim os idosos tiveram de escrever numa folha o provérbio completo, no final foram lidos todos os provérbios para verificar se estavam todos corretos, a prova correu com muito normalidade, fizeram com facilidade uma vez que era uma matéria conhecida (ver apêndice 6).

A segunda prova consistiu em cada elemento da equipa colocar um fones nos ouvidos e através de pequenas sílabas (lá lá lá..) tentar reproduzir o que estavam a ouvir, para as equipas adivinharem, na escolha das músicas teve-se em atenção quais as que os idosos conheciam e gostavam (ver apêndice 7).

O ambiente foi sempre com boa disposição, através dos discursos os idosos demonstraram que gostaram, como por exemplo “que pena que já temos de ir lanchar estava a gostar tanto”, “gostei muito destas atividades até falei com pessoas que quase não falava”, “senti-me bem por ainda me lembrar destas coisas antigas (referia-se aos provérbios). A atividade contou com a presença de 18 idosos.

No dia seguinte deu-se continuidade à atividade, esta contou com a participação de mais duas idosas que vieram porque “disseram-me que ontem foi muito divertido, quis vir ver”.

Assim, a primeira prova foi a pesca do refrão que consistiu em colocar dois refrões num recipiente grande com água e um elemento de cada equipa teve de “pescar” com uma cana improvisada, e de seguida tiveram de colocar o refrão por ordem, dizer o nome da música e cantar (ver apêndice 8).

Feita esta prova passamos a seguinte na qual foi distribuída uma folha a cada equipa, onde constava quadras referentes a instrumentos, bem como quem os teria. As quadras apenas davam as pistas e os idosos é que tinham de descobrir a que instrumento se referia bem como quem o trazia (ver apêndice

9). Após desvendada esta parte, cada equipa teve de ir ao encontro das pessoas que guardavam os instrumentos e cantar uma música para lhes ser concebido o instrumento.

A atividade correu sem imprevistos e considera-se que atingiu os seus pressupostos pois trabalhou a sociabilidade entre os idosos, valorizou os saberes e os gostos dos idosos a música e ainda se verificou um espírito de trabalho em equipa bem como de interajuda, pois uma vez que na atividade participaram pessoas com pouca mobilidade e algumas que já dependem da cadeira de rodas.

Entre eles organizaram-se para poderem-se deslocar até as guardiãs dos instrumentos, ainda que o percurso tenha sido curto, mas o importante foi verificar que ninguém ficou para trás. O facto de outras pessoas terem vindo face aos comentários dos que participaram também é um aspeto muito positivo pois é sinal de que os idosos se sentiram bem nas atividades.

No dia seguinte como forma de valorizar a participação dos idosos fez-se umas medalhas com as suas fotografias (ver apêndice 10) que foram distribuídas após ter sido transmitido um pequeno vídeo com momentos das provas realizadas, foi projetado o vídeo com os idosos todos reunidos, para que quem não esteve presente pudesse ficar a par do que se tinha feito e alguns dos idosos lamentaram não terem ido pois “ já vi que perdi, uma oportunidade para me divertir, não sabia que ia ser tão engraçado”, aproveitou-se ainda para apelar à participação dos idosos nas atividades que vão ocorrendo pois é uma forma de se distraírem e de conviver uns com os outros.

Os idosos também demonstraram terem ficado contentes e surpreendidos com as medalhas recebidas, pois eles gostam muito de tirar fotografias, contudo raramente lhes são mostradas muito menos oferecido, quando perceberam que as medalhas continham as suas fotografias referiram alguns comentários como” nem sabia que tinha uma fotografia tão bonita”, “ há tanto tempo que ninguém me oferecia uma fotografia, aqui tiram-se tantas e nunca me deram”, “ se já tinha gostado das atividades, agora que me deram este presente, ainda gostei mais, obrigado por tudo”.

Ainda, no sentido de valorizar os saberes e competências dos idosos, bem como de se darem a conhecer melhor aos outros, desenvolveu-se a atividade saberes no centro, onde ao longo de alguns dias foram sendo recolhidos poemas, quadras, receitas entre outros saberes que foram organizados de modo a criar um livro com os saberes destes idosos, inicialmente o livro iria estar escrito à mão, mas a pedido dos idosos, foi posteriormente passado a computador para ser mais legível a todos, “dá para por uma letrinha melhor de ler e maiorzinha”.

A pertinência desta atividade surgiu para valorizar os saberes dos idosos no geral, pois a instituição já tinha homenageado um idoso, fazendo-lhe um livro com aos textos e músicas que ele criou para a instituição, a qual usa em épocas convenientes, como no Natal, Páscoa entre outros, e não foi bem aceito pelos restantes, pois “o que eu sei ninguém quer escrever”, “aqui não somos todos iguais”.

Assim, para valorizar os saberes de todos e sem destaque para ninguém, surgiu a ideia de vários idosos, em se criar um livro, em que consta todos os elementos que os idosos consideram pertinentes, ficando assim registado para a posterioridade.

Considera-se que ao início os idosos não pareciam muito convictos das suas competências neste aspeto, mas o facto de existirem algumas festas populares como o São João, o São Martinho entre outros, acabou por ser um bom aliado para avivar a memória dos idosos, e estes começaram a dar os seus contributos, e atrás de uma quadra vinha logo outra, bem como com as receitas pois cada pessoa fazia a sua maneira e foram discutindo ideias e trocando receitas (ver apêndice 11).

Considera-se que esta atividade superou as expectativas na medida em que possibilitou trocas de conhecimentos e por sua vez uma melhor sociabilidade entre os idosos, os idosos foram mostrando que acreditavam nas suas competências, pois inicialmente diziam “o que eu sei presta lá para alguma coisa” e posteriormente já entregavam papéis com novos conteúdos ou sempre que se criavam momentos de partilha já diziam por exemplo “sei outra, posso dizer”, o que denota que já se sentiam mais à vontade para se expressar com o grupo bem como já valorizavam mais os seus contributos.

Ações	Ação1:	Ação 2:	Ação 3:
		A Arte de Envelhecer	Alfabetização e literacia
Atividades:	O que mudou? Teatralizo-me No meu tempo As letras Gincana Saberes no centro		

Tabela 4: Tabela das ações e atividades do projeto

3.3. AVALIAÇÃO DE PRODUTO SEGUNDO O MODELO CIPP

A avaliação de produto, segundo o modelo avaliativo que usamos ao longo deste projeto, é o quarto e último momento avaliativo, e consiste na interpretação dos resultados conseguidos em prol da finalidade e dos objetivos propostos.

O projeto assentou no método de trabalho centrado no conhecimento, investigação, análise e resolução dos problemas em grupo, numa atitude de permanente avaliação da ação ao longo que o projeto se ia desenvolvendo.

Assim cabe agora dar conta da eficácia dos resultados do projeto “Alfabetização: um sonho sem idade, tornado realidade” desenvolvido com as pessoas que frequentam o Centro de Dia, bem como com a equipa técnica sempre que possível, e o qual tinha como finalidade promover a valorização pessoal e social destes idosos.

Ao longo do projeto através de uma postura responsável e libertadora procurou-se criar espaços, de educação não formal, de exercícios de dinâmicas de grupo, nos quais os idosos se sentissem encarados como seres individuais,

detentores de características específicas, onde recebessem e oferecessem conhecimentos, sendo ainda capazes de se construir enquanto seres capazes de construir conhecimento, procurando minimizar os problemas priorizados, como o pouco envolvimento dos idosos nas atividades e dinâmicas da instituição ou a desvalorização dos idosos em relação a esta etapa de vida.

No decorrer do contacto com estes idosos procurou-se estabelecer relações empáticas, utilizar um discurso concreto, conciso e simples para evitar mal-entendidos, para criar uma relação de confiança a qual permitiu desenvolver este projeto.

Assim, relativamente à pertinência e eficácia do projeto desenvolvido, considera-se que os resultados foram positivos, na medida em que através de momentos de partilha, de felicidade, de reflexão, envolvimento, aprendizagem e satisfação, os idosos sentiram-se mais valorizados em termos pessoais e sociais.

Mas este trabalho não deve cessar aqui, ou seja, deve haver uma continuidade, para que a sua finalidade tenha um maior alcance, continuando a desenvolver exercícios de dinâmicas de grupo, pois os idosos gostam e estes permitem trabalhar diversos temas. Pode ainda ser construído um outro livro, o volume dois, com o mesmo objetivo de valorizar os saberes dos idosos.

Uma vez que existiu sempre a colaboração da educadora social e posteriormente também da animadora sociocultural, estas verificaram as mudanças ocorridas e ficaram mais consciencializadas que é possível que os idosos participem, mesmo já estando em idades mais avançadas, e por isso considera-se que existirá continuidade deste trabalho.

Relativamente aos objetivos os mesmos foram alcançados, pois considera-se que se atingiu a transformação pretendida. No que concerne ao número de participantes em cada atividade, considera-se que atingiu os objetivos, na medida em que ao longo do tempo o grupo foi aumentando .

Por sua vez também se verificou a assiduidade de grande parte dos idosos nas distintas atividades, o que significa que se identificaram com as atividades exploradas, bem como se sentiram bem nestes momentos de interação.

Relativamente a predominância dos discursos positivos estes foram bastante visíveis como se verifica ao longo da avaliação.

O primeiro objetivo geral que fazia referência à promoção de processos de alfabetização dos idosos foi bem conseguido, na medida em que, os idosos

conseguem ler e escrever, e a aquisição destas capacidades já começou a surtir efeitos noutras atividades, como por exemplo o dia dos avós, e na preparação do manjerico pessoal, pois já conseguiram escrever o cartão para os netos e escrever a sua quadra de São João como é possível verificar no apêndice 12, contudo também foi importante ver reconhecido esta capacidade pelos próprios idosos e em diálogos em que afirmam “este ano já consegui escrever no cartão de aniversário do meu neto e ele ficou admirado” e ainda “agora no supermercado já consigo ler as etiquetas”, isto significa que este trabalho em equipa teve um bom resultado.

Ao longo das sessões foi sendo visível o empenho, entusiasmo e dedicação, isto porque foram trabalhadas gradualmente palavras significativas para os sujeitos, que foram selecionadas tendo em conta conversas intencionais estabelecidas. As primeiras palavras que quiseram aprender a escrever foi o nome, porque “é muito triste nem conseguir assinar o vale da reforça, tinha de meter o dedo na tinta, agora vai logo para o banco”, “nunca aprendi a escrever o meu nome e agora já sei” e ainda “quando faço algum trabalho aqui, tenho de pedir a alguém para por o meu nome por mim” assim considera-se que a transformação que ocorreu foi significativa.

Quanto ao objetivo geral que correspondia a promover a tomada de consciência das capacidades e competências pessoais e sociais dos idosos, também se considera que foi atingido na medida em que ao longo das várias atividades implementadas, os idosos apresentaram uma predominância de discursos positivos e demonstraram uma progressiva alteração na forma como se viam, como uma melhor adaptabilidade a situações em que tinham de ultrapassar desafios, bem como em explorarem a sua criatividade, contrariamente ao que foi identificado nos momentos iniciais de análise de realidade análise da realidade.

Este aspeto foi bastante notório quando tiveram de criar os guiões do teatro, bem como, quando tiveram de desvendar os enigmas da atividade da gincana, e ainda numa das atividades desenvolvidas pelo centro, a qual consistiu na criação de uma caixa para o ofertório da missa, onde os idosos tiveram de escolher e escrever palavras significativas de desejos, pedidos ou sonhos a pedir à nossa senhora, (ver apêndice 13).

Ao permitir que estes tomem as suas próprias decisões, potenciou uma avaliação positiva e um reforço das suas competências, sendo que sentiram triunfo e orgulho com o que tinham conquistado até então.

Passando ao objetivo geral três que pretendeu promover uma maior participação e envolvimento nas atividades e dinâmicas do Centro de Dia, constatou-se que os idosos começaram a se envolver gradualmente nos processos de decisões relativos às atividades e dinâmicas institucionais, uma vez que foram revelando comportamentos de maior autonomia e de iniciativa, contrapondo o que acontecia anteriormente.

Exemplo disso, foi muito perceptível por exemplo numa das reuniões mensais, onde pediram para fazer um torneio de bingo e para a instituição disponibilizar o jogo boccia, e ainda nos teatros foi possível verificar a posição de cada participante.

Por fim, relativamente ao objetivo geral de reforçar as relações interpessoais entre idosos, considera-se que foram evidenciados momentos de partilha entre os idosos, havendo uma maior disponibilidade por parte destes em se conhecerem e em se darem a conhecer ao outro, o que até então não acontecia no Centro de Dia, bem como conseguiram, aos poucos, gerir as diferenças existentes entre eles, impulsionando uma maior coesão grupal.

Estes também foram-se mostrando mais recetivos em conhecer novas pessoas, até a implementação do projeto verificava-se que os idosos se relacionavam sempre com os mesmos idosos, por exemplo para jogar as cartas jogava sempre a mesma equipa de quatro, caso falta-se um, já não jogavam porque não convidavam outra pessoa para jogar, este comportamento foi sendo alterado e neste momento considera-se que as redes de sociabilização já se encontram mais alargadas.

Com o projeto foi ainda possível trabalhar o desenvolvimento das competências cognitivas dos idosos, através da diversificação das atividades e de espaços exploração, criatividade e descoberta.

Relativamente ao cumprimento do que estava programado e o que aconteceu de facto, salienta-se que no que concerne ao cumprimento das ações e suas atividades, estas foram todas implementadas.

É de ressaltar que quando alguma atividade não pode ser realizada no dia estipulado, por diversas razões, como por exemplo reduzido número de idosos

no Centro de Dia ou então saídas ao exterior, foram agendadas para outro dia, sem prejuízo de execução ou de eficácia

Assim, como ideia final salienta-se que o projeto foi assente numa prática reflexiva e avaliativa para que permitisse aos idosos condições de aprendizagem significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminado este processo, considera-se importante refletir sobre a experiência no Centro Social da Paróquia da Areosa bem como sobre o projeto, Alfabetização: um sonho sem idade, tornado realidade, e sobre a elaboração do presente relatório de estágio.

Mais difícil do que falar do que vemos, é falar do que fazemos. Este é e será o maior desafio do ser humano, e conseqüentemente o meu.

Apesar de não ser o primeiro contacto com trabalhos de terreno, os quais permitiram um contacto com o mundo prático da educação social, surge o entusiasmo de ingressar num novo estágio. Assim, novembro revelou-se um mês de muito nervosismo, ansiedade e de medo pois, eis que chegou o momento de enfrentar um desafio de frente, e tirar o melhor partido dele, aplicando tudo aprendido até então.

Contudo, considero que a realização deste estágio, foi uma experiência inesquecível, e bastante benéfico para a minha formação pessoal e profissional, destacando a pertinência das aprendizagens adquiridas, a possibilidade de realizar tarefas que até então não tinha sido possível.

Todo o trabalho desenvolvido, permitiu assim sem dúvida para ampliar os meus conhecimentos e adquirir uma postura profissional coerente, com os pressupostos da prática do educador social.

Contudo, é de referir que os conhecimentos adquiridos nas unidades curriculares, em especial na disciplina de seminário foram uma mais valia, na medida em que contribuíram para um melhor desenvolvimento do projeto.

Ingressar em um novo conteúdo, desencadeia que existam sempre alguns receios, e desta vez não foi diferente, pois há sempre a preocupação de como seremos recebidos pelos idosos, se estaremos preparados para o que nos irão solicitar, mas com o desenvolvimento do projeto estes vão ficando de parte, graças a boa vontade com que nos recebem, “gostamos de ter por cá caras novas”, tanto os idosos como a equipa técnica.

Assim, o facto de existir a possibilidade de fazer um estágio curricular é uma mais-valia, pois permite melhorar, praticar e mobilizar os conhecimentos adquiridos no âmbito das várias unidades curriculares e o mesmo possibilitou

o desenvolvimento de novas aprendizagens, permitindo a construção novos saberes, de forma a valorizar o trabalho de pesquisa, recolha e tratamento de informação, para assim desenvolver, essencialmente, a capacidade crítica, a fundamentação, o espírito de iniciativa e de observação e hábitos/métodos de trabalhos. Da mesma forma, trouxe a preocupação de descrever e refletir, o mais fidedignamente possível, todo o trabalho de terreno do início até ao fim.

A experiência contribuiu muito para o desenvolvimento profissional e pessoal, pois põe-nos à prova, é necessário colocar em prática algumas capacidades que nos permitam contactar com todos e compreender as suas especificidades, perceber as suas limitações físicas e psicológicas devido a ser um grupo tão heterogéneo. Contudo, foi possível, não ao mesmo nível com todos, mas de modo a que todos sentissem que tinham ali a “menina”, sempre disponível para os ouvir ou ajudar em tudo que precisassem.

Ao longo do desenho e desenvolvimento do projeto, e como educadora social é necessário manter a postura que afirma Freire

“educar para o coletivo, no coletivo, com o coletivo. Uma tarefa que pressupõe um projeto social compartilhado, em que vários atores concorrem para o desenvolvimento e fortalecimento da identidade pessoal, cultural e social de cada indivíduo... em que individual e coletivo são fiéis da mesma balança. O conjunto é formado por partes. E as partes trazem em si a essência do todo. Os seres se relacionam em interdependência, assumindo sua incompletude. Em torno de dada tarefa é preciso que se estabeleçam motivos, desejos, afetos e relacionamentos” (Freire, s/d).

Assim, o projeto teve sempre em conta o grupo como um todo, onde o todo é composto por pessoas muito distintas, que aprendem em conjunto, fornecendo, apenas as ferramentas, pois nunca se trabalhou em vez dos idosos, pois só assim fazia sentido sendo um projeto de intervenção social e educativa.

Ao longo deste percurso, foi necessário gerir bem as emoções, e a inteligência emocional, que consiste na” capacidade de reconhecer os nossos sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerirmos bem as emoções em nós e nas nossas relações” (Goleman, 2000, p.324), devido a situações menos positivas, como por exemplo os falecimentos que foram ocorrendo, contudo foi necessário manter uma postura assente no otimismo para reconfortar e ajudar os restantes idosos a lidar com o desaparecimento de colegas do centro.

É imprescindível que o desenvolvimento das pessoas não fique estagnado, para isso é importante que existam profissionais que contribuam igualmente para o desenvolvimento delas, no entanto, quando falamos em profissionais da área da educação social não podemos deixar de destacar o seu carácter humano, pois ao lado desta comunidade “devem estar profissionais empenhados e motivados, com uma sólida formação pessoal e profissional, com criatividade e capacidade para lidarem com situações de frustração e de elevada complexidade emocional” (Gomes, 2010, p.31).

Este contexto como tantos outros, é uma realidade complexa com particularidades e desafios inerentes à população que acolhe, mas também se percebe que além de problemas e necessidades, este contexto apresenta bastantes potencialidades e recursos.

Com o decorrer do trabalho no terreno e com envolvimento nas diversas atividades e tarefas diárias, e também com as conversas estabelecidas com os colaboradores do Centro de Dia, foi possível perceber que estas respostas sociais são extremamente importantes, uma vez que procuram prestar determinados serviços essenciais para a qualidade de vida das pessoas idosas, promovendo a manutenção do idoso no seu meio sociofamiliar e reduzindo situações como o isolamento ou solidão.

Mas, tal como já foi referido anteriormente no enquadramento teórico, estas respostas sociais não substituem o papel da família, devem ser vistas como um complemento para um bom desenvolvimento do processo de envelhecimento, nos vários níveis, nomeadamente, ao nível cognitivo, psicossocial, físico entre outros, e assim possibilitar conjuntamente, a manutenção de relações sociais, pois estas quando são positivas aumentam a satisfação com a vida (Paúl, 2005).

No que concerne a termos mais operatórios do projeto os processos de aprendizagem desenvolvidos contribuíram para a revitalização de valores essenciais, promovendo o desenvolvimento integral, enquanto pessoas e cidadãos, e possibilitou a construção individual e coletiva do conhecimento, dando lugar a um saber que se cruza com a experiência, permitindo variadas interações e aprendizagens.

A intervenção assentou na capacidade de compreender os indivíduos e as dinâmicas institucionais, analisando as potencialidades e as fragilidades de cada sujeito, considerando “o conjunto de componentes da realidade da

pessoa: a sua família, os seus pares e amigos, a vizinhança, a comunidade, o meio de trabalho”. (Capul & Lemay, 2003, p. 103).

Para isso, foi necessário estabelecer uma boa relação como os vários atores sociais, pois é fundamental para estar em projeto, sendo que a função do educador só é possível se for “a partir de uma relação significativa, de uma escuta e de uma observação atenta do que é dito e do que é feito, que se podem apreciar as aptidões e os limites de um sujeito, a fim de lhe propor um “campo” de trocas e de realizações que lhe permitam desenvolver-se” (Capul & Lemay, 2003, p. 106).

Assim, existiu sempre a preocupação de nunca impor nenhum ponto de vista, não assumir uma posição de superioridade, não desvalorizar as opiniões e sugestões dos intervenientes, ter em conta a heterogeneidade do grupo e a individualidade de cada idoso, ter uma atitude construtiva, demonstrar seriedade e fazer comentários positivos acerca das suas intervenções.

Todos os esforços foram voltados para promover a valorização pessoal e social dos idosos, onde a autoestima e autoconfiança ganhassem mais ênfase na vida destes idosos, dando valor às capacidades, competências, saberes e culturas, pois as aprendizagens vão mais além da escola, na medida em que, “na sociedade educativa contemporânea, está em pleno desenvolvimento a multi-aprendizagem”(Costa, 2002, citado por Nico, B. & Nico, L. & Ferreira, F. s/d, p.2) e por vezes esta ser “a única forma de aprendizagem da maioria dos adultos”(Correia & Cabete, 2002, citado por Nico et al, s/d, p.2).

E assim sendo, cabe aos profissionais promover atividades de aprendizagem, e foi o que se pretendeu com este projeto, proporcionar que fossem os criadores e beneficiários do seu próprio projeto, mostrando que os “idosos têm direito a escolher seu estilo de vida, tem direito a pertencer a sua geração e decidir por eles mesmos. Necessitam, mais do que nunca, decidir de maneira autónoma seu plano de enriquecimento pessoal” (Romans, Petrus & Trilla, 2003, p.89).

A sua importância passa por “a participação na análise e na tomada de decisões favorecer a responsabilização e o empenho na sua concretização” (Lima, 2003, p. 319), e assim ao desenvolver atividades mais congruentes com os gostos e interesses, e contemplando as suas sugestões, foi possível verificar um aumento no número de participantes, uma melhoria significativa na forma como se percecionavam a eles próprios e aos outros.

Promover uma melhor sociabilidade entre os idosos também foi muito importante porque não existe vida em sociedade sem interações, e, como Shaffer (2005) afirma, a natureza influencia a conduta humana, no entanto as próprias pessoas também modificam e criam as suas próprias condições de desenvolvimento, existe então uma evolução do indivíduo não como sujeito biológico, mas como participante num grupo cultural, e defendendo que o indivíduo se desenvolve mais facilmente em grupo.

Por sua vez “a vida em sociedade é o espaço da Educação social” (Ortega, 1999, p.16), e assim deve-se trabalhar as relações interpessoais, assim como demonstrar a valorização da participação, facto que ao longo deste projeto foi trabalhado, pois cabe aos educadores sociais serem o agente de mudança, dando o seu contributo para desenvolver uma sociedade mais humanizada, onde o respeito seja a palavra de ordem.

Assim, termina-se este trabalho com a sensação de missão cumprida, pois considera-se tal como já foi referido que os objetivos e a finalidade foram alcançados, na medida em que os idosos adquiriram novos saberes, estão mais consciencializados das suas competências, contudo considera-se que seria uma mais-valia continuar este trabalho para que os idosos continuem a perceber que são detentores de saber importantes, para isso é necessário uma contínua motivação para que os idosos não deixem de acreditar nas suas capacidades e/ou competências.

É também notória a diferença que se verifica no que concerne as relações, os idosos interagem mais entre si, trocam alguns conhecimentos e divertem-se mais em conjunto, como por exemplo em jogos de equipa como as cartas ou no domino, onde se verifica que se ajudam mais, ficando de parte de “egoísmo” de querer ganhar, e prevalecendo a oportunidade de convívio, também se verificou um aumento dos participantes em algumas atividades da instituição contudo e necessário, que continuem a ser dinamizadas atividades congruentes com os gostos destes idosos.

Assim, para finalizar considera-se que, uma vez que estes idosos são detentores de muitos mais saberes, tal como já referido anteriormente, seria uma mais-valia a instituição continuar com a recolha dos mesmos, e fazer continuamente a recolha ou registo dos mesmos, pois os idosos demonstraram sentirem-se felizes ao verem reconhecidos e valorizados, os

seus saberes e assim também é possível manter “vivos” muitos saberes que na sociedade atual, os jovens não sabem

Conclui-se com a afirmação de que “os educadores sociais trabalham com as pessoas e não para as pessoas, pois é a relação de proximidade e respeito pelo alteridade que concede a este técnico a mais-valia de estar, ser e fazer com o seu semelhante “(Azevedo, 2011, p.39).

REFERÊNCIAS

- Areosa, S., Benitez, L. & Wichmann, F. (2012). *Relações familiares e o convívio social entre idosos*. Porto Alegre: Textos & Contextos. Obtido de: revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/download/10495/8059.
- Azevedo, S. (2011). *Técnicos superiores de educação social. Necessidade e pertinência de um estatuto profissional*. Porto: Fronteira do Caos Editores.
- Azevedo, S., & Correia, F. (2013). A Educação Social em Portugal: evolução da identidade profissional. *RES Revista de Educación Social*, 17. Obtido de: http://www.eduso.net/res/pdf/17/ascport_res_17.pdf.
- Barros, R. (2013). *Educação de Adultos: conceitos, processos e marcos históricos – da globalização ao contexto português*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Barros, R. (2011). *Genealogia dos conceitos em educação de adultos: da educação permanente ao longo da vida – um estudo sobre os fundamentos político-pedagógicos da prática educacional*. Lisboa: Chiado Editora.
- Belém, D. (2000). *Carl Rogers: do diagnóstico à abordagem centrada na pessoa*. Brazil: Edições Bagaço.
- Boutinet, J. (1990). *Antropologia do Projecto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Braciali, M. (2009). A reverência que devemos aos nossos ancestrais: o papel do idoso na família e na sociedade. *Investigação*, 1(9), 25-32. Obtido de: <http://publicacoes.unifran.br/index.php/investigacao/article/view/35/7>
- Branden, N. (1999). *Auto-estima no trabalho: como pessoas confiantes e motivadas constroem organizações de alto desempenho*. Rio de Janeiro: Campus.

- Caballo, M., Candia, F., Caride, J. & Meira, P. (1997). *Léxico Básico de 131 conceptos clave de educación social*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Canastra, F. & Malheiro, M. (2008). O perfil profissional do educador especializado (social) – Uma leitura sócio-histórica. *Cadernos de Pedagogia Social*, 2, 61-80. Obtido de: <http://hdl.handle.net/10400.8/346>.
- Capul, M. & Lemay, M. (2003). *Da educação à intervenção social*. Porto: Porto Editora.
- Caride, J. (2002). Construir la profesión: la Educación Social como proyecto ético y tarea cívica. *Pedagogía Social, revista interuniversitaria*, 9, 91-126. Obtido de: http://www.ub.edu/obipd/docs/construir_la_profesion_la_educacion_social_como_proyecto_etico_y_tarea_civica_caridej.a.pdf.
- Carvalho, A. & Baptista, I. (2004). *Educação Social, Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, E. & Maciel, A. (2003). Nova conceção de deficiência mental segundo a American Association on Mental Retardation - AAMR: sistema 2002. *Temas em Psicologia da SBP*, 2(11), 147–156. Obtido de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v11n2/v11n2a08.pdf>.
- Cembranos et al. (1988). *La Animación Sociocultural: Uma Propuesta Metodológica*. Madrid: Editorial Popular.
- Centro Social da Paróquia da Areosa. (2007). *Revista 25 anos*. Areosa.
- Cordeiro, J. (2009). *Manual de Psiquiatria Clínica*. 4ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cortesão, L., Macedo, E., Nunes, R., Wanderley, J. & Romão, J. (2004). *Diálogos através de Paulo Freire*. Instituto Paulo Freire de Portugal.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Coutinho, C., et. al. (2009). *Investigação-Ação: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Investigação em Educação.
- Coutinho, C. (2005). *Percursos da investigação em tecnologias educativas em Portugal- uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas*. Braga: Universidade do Minho.

- Delors, J. (1996). *Educação: Um tesouro a descobrir*. Lisboa: Edições ASA.
- Diogo, M. & Duarte, Y. (1999). O envelhecimento e o idoso no ensino de graduação em Enfermagem no Brasil: do panorama à uma proposta de conteúdo programático. *Revista Escola Enfermagem*, 4(33). Obtido de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62341999000400008>.
- Duarte, Y. (2002). *O processo de envelhecimento e a assistência ao idoso. Manual de enfermagem*. São Paulo: Instituto para o desenvolvimento da saúde. Obtido de: <https://pt.scribd.com/doc/34807294/Livro-Manual-de-Enfermagem-USP-Ministerio-Da-Saude>.
- Duclos, G. (2006), *A auto-estima, um passaporte para a vida- crescer e viver*. Lisboa: Climepsieditores.
- Espinoza, M. (1986). *Evaluación de Proyectos Sociales*. Buenos Aires: Humanitas.
- Félix, J. (2015). *Educação e desenvolvimento comunitário local: relato de uma experiência em Espanha* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Obtido de:http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/23438/1/ulfpie047784_tm.pdf.
- Finger, M., & Asun, J. (2003) *A educação de adultos numa encruzilhada- Aprender a nossa saída*. Porto: Porto Editora.
- Fonseca, A. (2004). *O Envelhecimento: uma abordagem psicológica*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1972). *Pedagogia do Oprimido*. 2ª ed. Porto: Editora Afrontamento.
- Freire, P. (1977). *Extensão ou comunicação ?*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia : Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1999). *Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'água.
- García, J. (2003). *Dar (la) palabra. Deseo, don y ética en educación social*. Barcelona: Gedisa.
- Gento, S. (1994). *Participación en la gestión educativa*. Madrid: Santillana.
- Goleman, D. (2000). *Inteligência Emocional*. 9ª Edição. Lisboa: Temas e Debates
- Gomes, I. (2010). *Acreditar no futuro*. Alfragide: Texto Editores.

- Gonçalves, D. et. al. (2006). Promoção da qualidade de vida dos idosos portugueses através da continuidade de tarefas produtivas. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6(1), 137-143. Obtido de: https://issuu.com/marciavaladas/docs/envlh_produtivo.
- Guerra, I. (2007). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção: O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais:Principia.
- Guerra, I. (2002). *Fundamentos e processos de uma Sociologia de Acção: o planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia.
- Lima, L. (2008). A Educação de Adultos em Portugal. In R. Canário & B. Cabrito (Eds.), *Educação e Formação de Adultos. Mutações e Convergências* (pp. 31- 60). Lisboa: Educa.
- Lima, R. (2003). *Desenvolvimento Levantado do Chão... Com os Pés Assentes na Terra. Desenvolvimento Local – Investigação Participativa – Animação Comunitária*, (Dissertação de Doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Macedo, E., Vasconcelos, L., Evans, M., Lacerda, M. & Pinto, M. (2001). *Revisitando Paulo Freire – sentidos na educação*. Porto: Edições ASA.
- Marchand, H. (2005). *Psicologia do Adulto e do Idoso*. Coimbra: Quarteto.
- Marques, D. (2009). *Educação de Jovens e Adultos: Uma Perspectiva de Alfabetização com Idosos* (Dissertação de Mestrado não publicada). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo. Obtido de: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp100394.pdf>.
- Marques, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: FFMS.
- Medina, A. (2013). *A satisfação dos idosos com a prestação de Serviços institucionais. Estudo de caso do centro comunitário de Refoios* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. Obtido de : http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3891/1/projeto_final%20paula.pdf.
- Mendonça, M. (2002). *Ensinar e Aprender por Projectos*. Porto: Edições ASA.
- Mínguez, J. (2004). *La Educación en Personas Mayores: ensayo de nuevos caminos*. Madrid: Narcea, S.A.
- Mittler, P. & Cobb, H. (2005). *Diferenças Significativas entre Deficiência e Doença Mental, uma tomada de posição ministério do trabalho e da*

- Solidariedade Social*, 54. Lisboa: Secretariado Nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência. Obtido de: <http://www.inr.pt/download.php?filename=54++diferen%e7as+significativas+entre+defici%eancia+mental+e+doen%e7a+mental&file=%2fuploads%2fdocs%2fedicoes%2ffolhetos%2ffolheto054.pdf>.
- Nico, B. et al. (s/d). *As Novas Núpcias da Qualificação no Alentejo*. Obtido de: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2853/1/BN.C.47a.pdf>.
- Nicolau, I. (2001). *O conceito de estratégia*. Lisboa: Instituto para o Desenvolvimento da Gestão Empresarial.
- Norbeck, J. (1997). O Educando Adulto, In Lys Samartino & Maria Torres (Eds.). *Educação de Adultos. Coleção Cadernos de Formação*, 3 (pp. 197-213). Lisboa: Ministério da Educação.
- Nóvoa, A. (2002). Prefácio. In R. Canário, *Educação de adultos, um campo e uma problemática* (pp. 3-7). Lisboa: Educa e autor.
- Ortega, J. (1999). Hacia la construcción de una Pedagogía Social Especializada. In J. Ortega (Ed.), *Pedagogía Social Especializada*. Barcelona: Ariel.
- Osório, R. (2003). *Educação permanente e educação de adultos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Osório, R. et al. (2007). *As pessoas idosas – contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Paúl, C. (2005). *Envelhecimento activo e redes de suporte social*, (pp. 275-287). Porto: Universidade do Porto Obtido em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3732.pdf>
- Pereira, F. (2012). *Teoria e Prática da Gerontologia: Um Guia para Cuidadores de Idosos*. Viseu: Psicosoma.
- Pereira, C. (2015). *A relevância do desenvolvimento humano versus desenvolvimento comunitário: uma nova perspetiva do apoio ao envelhecimento ativo, no centro dia* (Dissertação de mestrado não publicada). Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Leiria, Portugal. Obtido de: <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/1683/1/tese%206%20de%20maio%202015.pdf>
- Pimentel, L. (2005). *Lugar do Idoso na Família - Contexto e Trajectória*. Coimbra: Quarteto.

- Rebollo-Catalán, Á. (1993). *Modelos de evaluación: conceptos y tipos*. Sevilla: Kronos.
- Reis, J. (1996). O Envelhecimento. *Revista Geriatria*, 83, 14-28.
- Rocha, J. (2015). "Aprendizagem contínua - Novas conquistas." - *Projeto de intervenção desenvolvido com idosos numa Academia Sénior inserida num Centro de Dia* (Dissertação de mestrado não publicada). Escola Superior de Educação do Porto, Porto, Portugal.
- Rocha, E. (1996). *Condições e factores de aprendizagem*. Lisboa: IEFP.
- Romans, M., Petrus, A. & Trilla, J. (2003). *Profissão: Educador Social*. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed editoras.
- Roths, L., et al. (1998). *Uma aposta educativa na participação de todos: Documento de estratégia para o desenvolvimento da educação de adultos*. Lisboa: Edição do Ministério da Educação.
- Serrano, G. (1993). *Elaboración de Proyectos Sociales: Casos Prácticos*. Espanha: Narcea, s.a. de ediciones.
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de Projectos Sociais: Casos Práticos*. Porto: Porto Editora.
- Shaffer, D. (2005). *Psicologia do desenvolvimento, infância e adolescência*. São Paulo: Thomson
- Silva, F., (2011). *Qualidade de vida no processo de envelhecimento e a integração nos centros de dia (uma perspectiva do utente)* (Dissertação de Mestrado não publicada). Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, Portugal. Obtido de : <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1660/TESE%20FINAL%20FLORA.pdf?sequence=1>
- Silva, L. (2001). *Acção social na área da família*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Stufflebeam, D. & Shinkfield, A. (1995). *Evaluación sistemática: Guía teórica y práctica*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica.
- Veiga, S., & Correira, F. (2009). O Perfil do Educador Social. *Revista Espaço S – Revista de Investigação e Intervenção Social do ISCE*, 3, 55-64. Edições Pedagogo.
- Ventosa, V. J.. (2002). *Desarrollo y Evaluación de proyectos socioculturales*. Madrid: Editorial CCS.
- Whitaker, D. (2007). *Envelhecimento e poder*. Campinas: Alínea.

World Health Organization (2002). *Envelhecimento activo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. Obtido de : http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf

ANEXOS

Anexo 1- Excerto do Regulamento Interno do Centro de Dia

Centro Social da Paróquia da Areosa Regulamento Interno **Serviço de Centro de Dia**

Capítulo I

Disposições Gerais

Norma I

Âmbito de aplicação

A valência de Centro de Dia do Centro Social da Paróquia da Areosa, Instituição Particular de Solidariedade Social, I.P.S.S., registada no Livro n.º 2 das Fundações de Solidariedade Social, fls. 138, sob a inscrição n.º 34/85, com sede na Rua da Igreja da Areosa, Igreja da Areosa no Porto, funciona na Travessa da Areosa, n.º 75, Porto e rege-se pelas seguintes normas.

Norma II

Objectivo

O presente regulamento Interno visa:

- a) Proporcionar um serviço de qualidade a nível de Centro de Dia.
- b) Promover o respeito pelos direitos dos clientes, nomeadamente da sua dignidade e intimidade de vida privada.
- c) Assegurar a divulgação e o cumprimento das regras de funcionamento do centro social.

Anexo 2- Excerto do Regulamento Interno do Centro de Convívio

Centro Social da Paróquia da Areosa
Regulamento Interno
Serviço de Centro de Convívio

Capítulo I

Disposições Gerais

Norma I

Âmbito de aplicação

A valência de Centro de Convívio do Centro Social da Paróquia da Areosa, Instituição Particular de Solidariedade Social, I.P.S.S., registada no Livro n.º 2 das Fundações de Solidariedade Social, fls. 138, sob a inscrição n.º 34/85, com sede na Rua da Igreja da Areosa, Igreja da Areosa no Porto, funciona na Travessa da Areosa, n.º 75, Porto e rege-se pelas seguintes normas.

Norma II

Objectivos

O presente regulamento Interno visa:

- a) Proporcionar um serviço de qualidade a nível de Centro de Convívio.
- b) Promover o respeito pelos direitos dos clientes, nomeadamente da sua dignidade e intimidade de vida privada.
- c) Assegurar a divulgação e o cumprimento das regras de funcionamento do centro social.

1

Capítulo VI

Pagamento dos Serviços

Norma XXV

Preçário

1 – O valor da comparticipação familiar pela frequência da valência é determinado pela aplicação de uma percentagem de 1% ou 4% sobre o rendimento per capita do agregado familiar, de acordo com as normas em vigor definidas na Orientação Normativa, descrita na circular n.º 3 de 2 de Maio de 1997 da Segurança Social, e também de acordo com os serviços solicitados pelo cliente.

2 – As percentagens referidas no ponto anterior são aplicadas da seguinte forma:

- a) – 1% - Actividades ocupacionais de carácter sócio recreativo e cultural.
- b) – 4% - Fornecimento de uma pequena refeição (Lanche) e actividades ocupacionais de carácter sócio recreativo e cultural.

3 – A prestação de serviços esporádicos (refeições, tratamento de roupas, serviço de cabeleireiro, transporte, etc.) estará sujeita ao preçário afixado no Centro Social.

4 – A Direcção da Instituição poderá reduzir o valor, dispensar ou suspender o pagamento da comparticipação, sempre que, através de uma cuidada análise socioeconómica do agregado familiar, se conclua a sua especial onerosidade ou impossibilidade.

5 – A prestação de falsas declarações ou a omissão de qualquer rendimento poderá levar à suspensão ou exclusão do cliente.

11

Anexo 3- Plano anual e mensal

Tema : Envelhecimento Ativo na Comunidade

Sub-Tema: “Vida, Partilha e Esperança”

Cronograma

Janeiro

- Dia 2 a 9 – Cantares de Reis (tardes)
- Dia 6 – 12.30h – Dia de Reis- Almoço comemorativo do dia de Reis.
- Dia 9 – 14.30h – Reunião mensal
- Dia 13 – 14.30h – Festa da Celebração da Vida
- Dia 15 -14.30h - Comemoração dos Aniversários das Casa Comunitárias.
- Dia 21 – 14.30h - Celebração Eucarística pelos utentes falecidos em 2014.
- Dia 25- (Domingo) -13.00h- Festa do Domingo Solidário (almoço e tarde recreativa)
- Dia 29 – 14.30h - Festa de Aniversários.

Fevereiro

- Dia 3- 14.30h – Reunião mensal
- Dia 5-14.30h - Festa da Fantasia
- Dia 9 a 16- Preparação das fantasias camavalescas
- Dia 13 -14.30h-Dia dos Namorados- Festa das Memórias da Juventude
- Dia 14 (Domingo) - 15.00h- Celebração Eucarística " Dia Paroquial do Doente"- na Igreja da Areosa.
- Dia 16- 14.30h- Almoço de Carnaval - Desfile de máscaras
- Dia 22 (Domingo) – 13.00h-Festa do Domingo Solidário (almoço e tarde recreativa)
- Dia 25-14.30h- Celebração Eucarística
- Dia 26- 14.30h Festa de Aniversários

Março

- Dia 3 -14.30h- Reunião mensal
- Dia 8 (Domingo) -13.00h- Almoço comemorativo "Dia da Mulher" (tarde recreativa)
- Dia 12 - 14.30h – Cantares usos e tradições Primavera
- Dia 19 -11.00h - Celebração Eucarística-Dia do Pai
14.30h Festa do Dia do Pai
- Dia 26- 14.30h - Festa da Primavera Comemoração de Aniversários
- Dia 29 (domingo) – 13.00h-Almoço Solidário

Abril

- Dias 1-14.30h- Celebração eucarística pascal
- Dia 2 – 14.30h – Festa da Páscoa
- Dia 6 – 14.30h – Reunião mensal
- Dia 7 - Dia todo - Dia Mundial da Saúde
- Dia 9 – 14.30h - "Baile dos Passarinhos"
- Dia 14 – 14.30h -Tertúlia sobre a Vida
- Dia 17- Passeio a Guimarães
(saída às 9h -chegada às 18h)
- Dia 23 – 14.30h Torneio de Sueca
- Dia 26 – 13.00h Festa do Domingo Solidário
(almoço e tarde recreativa)
- Dia 30 -14.30h - Festa de Aniversários

Maio

Mês de Maria

- Dia 4 – 14.00h- Abertura do mês de Maria
- Dia 5- 14.30h - Reunião mensal
- Dia 7 -14.30h- Festa do Dia da Mãe
- Dia 14- 14.30h- Caça ao tesouro
- Dia 19 – 12.30h- Trigesimo Terceiro Aniversário do Centro Social- Almoço convívio e tarde recreativa.
- Dia 22 – Passeio Anual à Régua
(saída às 9h-chegada às 19h)
- Dia 27 – Celebração Eucarística
- Dia 28 – 14.30h – Festa de Aniversários
- Dia 31 -13.30h- Festa do Domingo Solidário
(almoço e tarde recreativa)

Neste mês de Maio rezaremos o terço diariamente à Virgem Maria

Junho

- Dia 2 – 14.30h – Reunião mensal
- Dia 4 – 14.00h- Dia dos Netos
- Dia 12- 14.00h – Passeio a Esposende
(saída às 14h-18h)
- Dia 18- 12.30h- Festa de S. João – Sardinhada
Rugas S. Joaninas
- Dia 25 – 14.30h – Festa de Aniversários
- Dia 28 (Domingo) – 13.00h – Festa do Domingo Solidário (almoço e tarde recreativa)

Julho

- Dia 1- 14.30h – Reunião mensal
Dia 16 – 14.30h – Tertúlia sobre a Partilha
Dia 24- 14.30h – Festa dos Avós
Dia 26 (Domingo) – 12.00h- Dia dos Avós-
Celebração eucarística na Igreja da Areosa
13.00h-Almoço Solidário Dia dos Avós (almoço e
tarde recreativa)
Dia 29-14.30h- Celebração Eucarística
Dia 30- 14:30h – Festa de Aniversários
Dia 31- Passeio Piquenique – Parque de S.
Roque

Agosto

- Dia 4 – 14.30h- Reunião mensal
Dia 21- 14.00h- Parque da Cidade
Dia 27 - 14.30h- Festa de Aniversários

Saídas a combinar com as nossas carrinhas.

Setembro

- Dia 1- 14.30h – Reunião mensal
Dia 3 - 14.30h – Tarde de fados
Dia 10 - 14.30h - Festa das colheitas
Dia 18 - 9.00h - Passeio a Valença do Minho
(saída às 9h- chegada às 18h)
Dia 23 - 14.30h - Celebração Eucarística
Dia 24 - 14.30h- Festa de Aniversários
Dia 27 (Domingo) – 13.00h – Festa do
domingo Solidário (almoço e tarde recreativa)

Outubro


- Dia 1 - Dia Internacional do Idoso:
12,30h-Almoço de confraternização – Tarde
Recreativa
Dia 6 -14.30h - Reunião mensal
Dia 9- Dia Mundial da Saúde Mental
Dia 14 – 14.30h -Torneio de Bingo
Dia 21 -14.30h - Passagem de Modelos
Outono/Inverno
Dia 25 (Domingo) - Festa do domingo Solidário
(almoço e tarde recreativa)
Dia 28- 14.30h- Celebração Eucarística
Dia 29- 14.30h-Festa de Aniversários

Novembro

- Dia 3 -14.30h - Reunião mensal
Dia 5- 14.30h- Tertúlia da Esperança
Dia 11-14.30h-Festa do S. Martinho- Almoço
de Confraternização- tarde recreativa
Dia 17- 14.30h-Visita às Residências
Dia 19 - 14:30h – Festa da Música
Dia 25 - 14.30h - Celebração Eucarística
Dia 26 - 14:30h - Festa de Aniversários
Dia 29 (domingo) – 13:00h – Festa do Domingo
Solidário (almoço e tarde recreativa)

Dezembro

- "Exposição de Presépios"
Dia 1 -14.30h- Reunião Mensal
Dia 3 -14.30h- Festa de "Preparação para o
Nascimento"
Dia 9 a 16 - Venda de Natal
Dia 13 (domingo) – 13.00h – Festa do domingo
Solidário (almoço e tarde recreativa)
Dia 22- 11.00h- Celebração Eucarística Natalícia
12.30h- Almoço de Consoada
Dia 23- 14.30h- Festa de Natal
Dia 30 - 14.30h- Festa de aniversários
Baile de fim de ano



Programa de Maio de 2016

Mês, mês de MARIA
"Quando de te unires ao teu marido e
fordes a ele como os seus ossos"
(Lc 1, 43)

Dia 2 – Abertura do Mês de Maria na nossa Instituição

Dia 3 – Reunião Mensal

Dia 6 – Festa do Dia da Mãe

Dia 12 – Passeio anual – "Minho"

Dia 19 – Trigésimo quarto Aniversário do Centro
Social da Paróquia da Areosa

Comemoração do Aniversário do C.S.P.A:
> 11h – Celebração Eucarística
> Almoço convívio e tarde recreativa

Dia 25 – Festa de Aniversários

Dia 29 – Almoço Solidário

Dia 30 - Colónia balnear (manhã)

*Feliz dia
Das Mães*

Anexo 4-Excerto do Regulamento Interno do Serviço de Apoio Domiciliário

Centro Social da Paróquia da Areosa

Regulamento Interno

Serviço de Apoio Domiciliário

Capítulo I

Disposições Gerais

Norma I

Âmbito de aplicação

O Serviço de Apoio Domiciliário, designado por SAD, integra as valências do Centro Social da Paróquia da Areosa, Instituição Particular de Solidariedade Social, I.P.S.S., registada no Livro n.º 2 das Fundações de Solidariedade Social, fls.138, sob a inscrição n.º 34/85, com sede na Rua da Igreja da Areosa, Igreja da Areosa no Porto funciona na Travessa da Areosa, n.º 75, Porto e rege-se pelas seguintes normas.

Norma II

Objectivos

O presente regulamento Interno visa:

- a) Proporcionar um serviço de qualidade a nível de SAD.
- b) Promover o respeito pelos direitos dos clientes, nomeadamente da sua dignidade e intimidade de vida privada.
- c) Assegurar a divulgação e o cumprimento das regras de funcionamento do centro social.

Anexo 5- Plano de Candidatura Academia Sénior

*Medicine Dantes
Anexo 5-1*

Seniores - Karate - Informática (sênior)
- Psicomotricidade - música cultura do Barro
- Saúde - Inglês

Âmbito - Cozinha Ativa - Música (E. Musical)
- Artes Plásticas - Pintura
- Cozinha Saudável / Ativa
- Dança Sênior
- Ginástica Sênior

O presente

Objetivo Geral

Promover uma cidadania mais ativa dos seniores, fomentando a aprendizagem ao longo da vida.

População-alvo (número, faixa etária e caracterização)

De uma forma global, o presente projeto apresenta como população-alvo a comunidade sénior da freguesia de Paranhos da cidade do Porto. Além dos 240 utentes da instituição, prevê-se poder dar resposta imediata e inovadora aos 164 sócios inscritos, mas que não se encontram incluídos em nenhum acordo de cooperação. Os beneficiários do projeto têm entre 50 e 93 anos de idade, maioritariamente do sexo feminino, frequentemente em situação de isolamento social e/ou solidão, com apresentação de sintomas depressivos e ansiogénicos.

Parcerias no âmbito do projeto

O CSPA concretiza parcerias com diversas instituições. No âmbito deste projeto, contaremos com o contributo de instituições de cariz variado, nomeadamente: (1) Instituições públicas como Fundação Porto Social, Câmara Municipal do Porto e Junta de Freguesia de Paranhos, que se constituirão como importantes pilares na sinalização/encaminhamento da população-alvo, bem como na divulgação do projeto. O apoio da Junta de Freguesia de Paranhos consiste, além disso, na cedência de meio de transporte (carrinha) para a realização de passeios e visitas culturais e de estudo. (2) Instituições de ensino, investigação e formação, tais como a Faculdade de Engenharia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto, Universidade Católica do Porto, UNIFAI (Unidade de Investigação e Formação sobre Adultos e Idosos do Instituto Ciências Biomédicas da Universidade do Porto), cujos contributos se centrarão especialmente no aconselhamento científico e técnico ao plano de estudo e no apoio à organização de palestras, tertúlias, workshops, etc. (3) Instituições de saúde como a Direção Regional de Saúde e os Centros de Saúde da área geográfica, que além da sinalização/encaminhamento da população-alvo e da divulgação do projeto, contribuirão com a partilha dos conhecimentos e saberes nas suas áreas específicas. (4) Instituições sociais como Centro Comunitário e Social do Amial, Santa Casa da Misericórdia do Porto, Centro Social das Antas, Centro Social N.ª Senhora da Natividade de Pedrouços, Liga de Profilaxia Social, Centro Social de Rio Tinto, SAOM, Centro de Convívio de Reformados da Função Pública, que possibilitarão a partilha de experiências e a realização de atividades conjuntas. (5) Associações culturais, como Grupos de fados e a Escola de Música Santa Cecília, cuja parceria facilitará a organização de diversos acontecimentos como eventos culturais, comemorações, ações lúdicas, etc. (6) Instituições de crianças e jovens como o Jardim de Infância e Salas de Estudo do Bairro Rio XII e o Agrupamento Vertical António Nobre, cuja parceria busca como objetivo central a intergeracionalidade, procurando-se proporcionar a

interação entre gerações, no sentido de uma efectiva troca de experiências e partilha de conhecimentos.

Breve descrição do projeto (até 1.000 caracteres)

Com o projeto "Academia Sénior", o Centro Social da Paróquia da Areosa propõe-se criar um espaço privilegiado de aprendizagem e convívio para a comunidade sénior onde esta poderá usufruir de um Plano Curricular com disciplinas que vão de encontro aos seus interesses (por exemplo, História e Cultura do Porto, Inglês, Música, Pintura, Informática, Oficina da Memória, Psicogerontologia, Yoga, Ginástica Sénior, Karaté, Saúde e Cozinha Saudável), bem como de um Centro Sénior de Informática e de uma Biblioteca Sénior.

Donativo solicitado

Duração de implementação do projeto

12 meses

Comprovar a sustentabilidade do projeto após financiamento

O Centro Social da Paróquia da Areosa assegura os espaços físicos, dispondo de várias salas apropriadas para as atividades a desenvolver e cozinha, bem como os recursos humanos necessários. Muitas das disciplinas a ministrar serão, tal como indicado na lógica inerente às Academias Sêniores, asseguradas por voluntários. Para o desenvolvimento de determinadas atividades contará com o apoio de parcerias (ex. carrinha para visitas cedida pela Junta Freguesia de Paranhos, instalações desportivas cedidas pela Paróquia da Areosa). A própria Academia criará fundos através das inscrições e mensalidades de frequência, assim como da exploração de um bar aberto à comunidade e outras atividades que se prevê implementar.

Qual o carácter inovador do projeto (300 caracteres)

Quebra com o carácter assistencialista da intervenção desenvolvida com a comunidade sénior, participação ativa dos seniores, resposta inexistente na área, procura desta resposta pela comunidade, aproximação dos seniores às novas tecnologias, temáticas inovadoras, desporto, etc.

Imagem

Documentos

CRONOGRAMA DO PROJETO "ACADEMIA SÉNIOR"

AÇÃO	FEV	MAR	ABR	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOS	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV
Preparação e organização prévia do projeto	X												
Divulgação do projeto	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X		
Elaboração do Plano Curricular e extra-curricular	X												
Constituição de Turmas.	X												
Constituição da Biblioteca Sénior	X												
Constituição do Centro Sénior de Informática	X												
Abertura Ano letivo		X											
Atividades Curriculares		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
Atividades Extra-curriculares			X		X			X		X	X		X
Avaliação do projeto						X							X

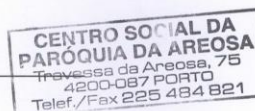
Anexo 6- Declaração de consentimento para uso e publicação da identidade institucional e dados relativos à mesma (CSPA)



Declaração de Consentimento

Maria Cândida Carvalho Machado na qualidade de Directora técnica do Centro Social da Paróquia da Areosa, autorizo que Cátia Daniela Fernandes Teixeira, no âmbito da unidade curricular PROJECTO, do mestrado em Educação e Intervenção Social - Especialização em Educação de Adultos e Desenvolvimento Comunitário, utilize o nome da instituição, logotipo e fotografias recolhidas do sitio da internet da instituição, no relatório final, que será apresentado publicamente e, posteriormente, disponibilizado no repositório do Instituto Politécnico do Porto.

Directora Técnica



Porto, 6 de Dezembro de 2016

APÊNDICES

Apêndice 1- Poemas sobre o envelhecimento

A

Arte de Envelhecer

A arte de envelhecer é saber aceitar a nova realidade do corpo

Se já não dá para correr na praia,

dá para caminhar e manter o ritmo que o organismo permite

O importante é não parar, é estar ocupado

Essa é a arte de envelhecer...

Um processo natural..

B

Ser idoso

é ter a coragem de olhar para frente

E dizer que traz consigo

um mundo de conhecimento.

Ser idoso

É poder dizer que tem a dádiva da vida

E o poder da mente

Que possui uma vasta experiência

E carrega em sua guarida

A realização e a gratidão da existência.

Ser idoso,

é guardar o que sente

Do lado bom e ruim das coisas

Dos momentos que viveu

E, um dia, tristemente

Sofreu..

E num outro dia, alegremente

Viveu...

E foi feliz

Como um sábio aprendiz.

Ser idoso

É aprender, do ontem, a lição

Hoje, guardada nas eternas lembranças
Bem no fundo do coração.
Ser idoso
é ter no rosto
A marca da sabedoria
A experiência de muitos momentos
Vividos com alegria.
Por isso, tratar bem o idoso
É meu, é teu, é nosso dever
Não esqueça que o idoso de hoje
Amanhã pode ser você,
Basta ter vida em abundância
E nem tão cedo morrer.

Maria Dionésia Santos da Silva

Apêndice 2- Algumas fotografias da atividade o que mudou?



Apêndice 3- Fotografia do cenário do teatro das colheitas



Apêndice 4- Fotografias do teatro

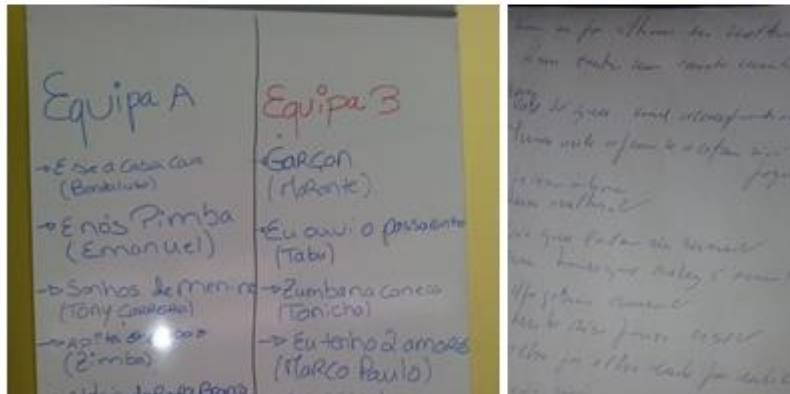


Apêndice 5- Fotografias das atividades de alfabetização

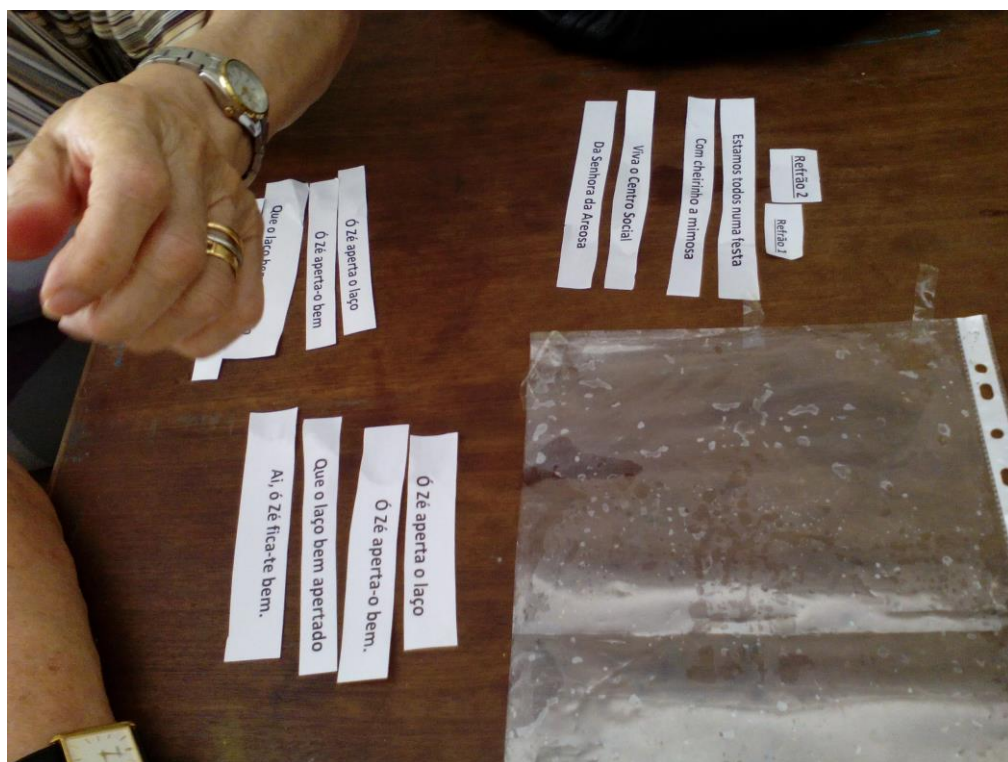




Apêndice 6 e 7 – Algumas fotografias da atividade da gincana



Apêndice 8 – Fotografias da atividade de pesca ao refrão



Apêndice 9 – Guião da atividade da gincana

Equipa A

Sou redondo e muito alegre
Com chapinhas de metal
Peguem em mim que sou leve
E que comece o festival!

1 - Quem sou eu? _____

Somos brandas e aceleradas,
Muito simples de pegar
O arroz faz o som das batucadas
Uma vez tocadas, somos difíceis de largar.

2 - Quem sou eu? _____

Tenho diferentes aspetos
Todos eles de impressionar
Sou feito de madeira e toco todos os dialetos
Minhas linhas não são difíceis de soar
Meu nome pega na enxada,
Atenção, não é que seja preguiçoso,
Mas a realidade é que eu não cavo nada!

3 - Quem sou eu? _____

Funcionárias – Guardiãs dos instrumentos escondidos:

Uso prancha e não sou surfista
Trabalho com ferro, mas não sou ferreiro.
Meu saber é arte, mas não sou artista.
Tudo lavo e passo e coloco no roupeiro.

1 - Quem sou eu? _____

(Tenho o 1º Instrumento)

Somos meigas e prendadas
Um pouco de tudo sabemos fazer
Alegramo-vos com as nossas piadas
Pois é o que mais gostamos, além de vê-los comer.

2 - Quem somos? _____

(Temos o 2º instrumento)

Sou atenta e a todos quero o bem
A si, a ele, ou a ela não importa
Faço-o sem olhar a quem!
Tenho poder, mas não sou autoridade
Pois só sei distribuir amizade, carinho e bondade,
Todos me conhecem, a todos eu cumprimento,
Faço o melhor que posso
E é com todo o sentimento!

3 - Quem sou eu? _____

(Tenho o 3º Instrumento)

“Caça ao Instrumento”

Equipa B

Tenho diferentes aspetos
Todos eles de impressionar
Sou feito de madeira e toco todos os dialetos
Minhas linhas não são difíceis de soar
Meu nome pega na enxada,
Atenção, não é que seja preguiçoso,
Mas a realidade é que eu não cavo nada!

1 - Quem sou eu? _____

Sou redondo e muito alegre
Com chapinhas de metal
Peguem em mim que sou leve
E que comece o festival!

2 - Quem sou eu? _____

Somos brandas e aceleradas,
Muito simples de pegar
O arroz faz o som das batucadas
Uma vez tocadas, somos difíceis de largar.

3 - Quem sou eu? _____

Funcionárias – Guardiãs dos instrumentos escondidos:

Sou atenta e a todos quero o bem
A si, a ele, ou a ela não importa
Faço-o sem olhar a quem!
Tenho poder, mas não sou autoridade
Pois só sei distribuir amizade, carinho e bondade,
Todos me conhecem, a todos eu cumprimento,
Faço o melhor que posso
E é com todo o sentimento!

1 - Quem sou eu? _____

(Tenho o 1º Instrumento)

Uso prancha e não sou surfista
Trabalho com ferro, mas não sou ferreiro.
Meu saber é arte, mas não sou artista.
Tudo lavo e passo e coloco no roupeiro.

2 - Quem sou eu? _____

(Tenho o 2º Instrumento)

Somos meigas e prendadas
Um pouco de tudo sabemos fazer
Alegramo-vos com as nossas piadas
Pois é o que mais gostamos, além de vê-los comer.

3 - Quem somos? _____

(Temos o 3º instrumento)

Apêndice 10- Fotografias da entrega de medalhas



Apêndice 11 – Excertos do livro

Poema das Rosas

Eu tinha no meu quintal,
umas roseiras grandiosas.
Cortaram-mas tão baixinhas,
que pensei não mais ter rosas.
Mas as roseiras troçaram,
da pessoa que as cortou.
Já têm novas folhinhas,
e nenhuma delas secou.
Já estão muito crescidas,
muito lindas e viçosas.
E brevemente terei,
as minhas tão lindas rosas.
Mas é que eu prometi,
que essa primeira rosa,
será colocada nos pés,
Da Nossa Senhora da Areosa.

Poema Pascal

Jesus Cristo morreu por Amor.
A maior Prova de Amizade
De Jesus Nosso Senhor!

Páscoa é libertação, momento de reflexão
Abramos o nosso coração!
É tempo de partilha,
Saíamos para a rua.
Cantemos com alegria!
Aleluia, Aleluia, Jesus Ressuscitou!

Venham celebrar irmãos!

Por nós ele voltou!
É tempo de Amor
E ao próximo estender a mão

Páscoa é doar!
Páscoa é comunhão!
Vamos rir, cantar,
E a palavra do Senhor exaltar.
Vamos todos rezar a Ele,
Que veio ao mundo para nos salvar!

Torta enrolada com doce de cenoura

Ingredientes:

3 ovos;
2 gemas;
100g de açúcar;
70 g de farinha de trigo peneirada;
Raspa de limão;
Margarina para untar o papel vegetal;
Açúcar em pó para polvilhar.

Modo de preparação:

Bata muito bem na batedeira ou com vara de arames, os ovos, as gemas, o açúcar e a raspa de limão em conjunto. Quando estiver em creme fofo, junte a farinha deixando-a cair em chuva entre os dedos e espalhada, enquanto com a outra mão mexe de baixo para cima, com cuidado, até a farinha estar toda bem ligada.

Entretanto, tenha um tabuleiro forrado com papel vegetal e este untado com margarina (lado de cima).

Deite a massa no tabuleiro e alise para formar uma camada fina. Leve ao forno bem quente cerca de 12 a 15 minutos. Retire o papel com muito cuidado, barre a torta com uma camada de doce de cenoura e enrole muito bem com a ajuda do pano.

Apare-lhe as pontas, barre-as também com doce e polvilhe por cima com açúcar em pó.

Nota: As tortas devem ser cozidas em tabuleiros finos, de preferência, de alumínio para cozerem rapidamente por baixo e por cima sem secar, a fim de não estalarem ao enrolar. Devem também cozer em forno bem quente. Para verificar estão cozidas, toque-lhes ao de leve com as pontas dos dedos (se há ainda massa crua sente-se com facilidade) ou experimente com um palito. Logo que estejam cozidas retire imediatamente do forno.

Quadras

Ei-de ir ao Senhor da Pedra
Nem que demore um mês
Só para ver os milagres
Que o senhor fez.

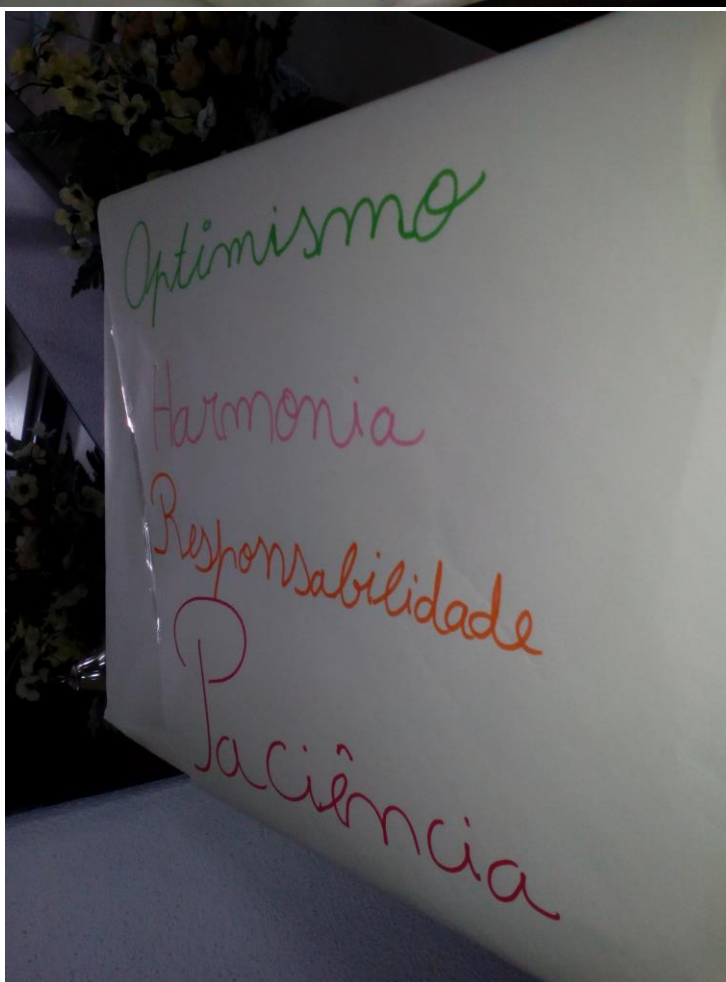
Eu fui ao senhor da pedra.
Ao senhor da pedra ei de ir.
Quem vai ao senhor da pedra,
Vai ao céu e torna a vir.

Oh meu rico são João
Meu santo milagreiro
Dá-nos sardinhas no pão
E dinheiro no mealheiro

Apêndice 12 – Fotografias da atividade de manjericos em papel



Apêndice 13 – Caixa para o ofertório



NM